

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00
Semestre — Cr.\$ 12,00
Pagamento Adiantado

O GLOBO

Anúncios e Publicações
de acordo com a
TABELA
REDAÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373
CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 4 de AGOSTO de 1946

BRASIL

NÚMERO 432

A Paz imposta á Italia e á Delegação Brasileira

ALEXANDRE CHITTO

Em largas «manchettes», a imprensa nacional publica a noticia de que a Delegação Brasileira formulará pedidos aos aliados no sentido de suavisar as condições de paz impostas á Italia.

E' um grande povo o brasileiro. Dizem que a sua hospitalidade e o seu espirito de profunda democracia são virtudes naturais de sua pátria.

Não obstante, os Estados Unidos e a Inglaterra houvessem cedido, em parte, ás absurdas aspirações soviéticas, com relação á Italia, segue daqui o brasileiro, fazendo sentir que a pátria de De Gasperi deve ter uma paz mais suave, principalmente se tratando, agora, de um povo e não de déspotas políticos.

Pois, os nossos delegados á conferência da paz, talvez houvessem pensado: o ladrão, o assassino, o contrabandista etc. é condenado, sim, porem a dês, vinte, trinta anos, quando invez, nm tratado de paz não tem fim, é secular. Tem fim quando o país vencido deixa de cumprir as clausulas pela violação, ou porque a mudança dos homens vá naturalmente amainando as imposições dos vencedores.

Por que não facultar hoje o que as condições naturais e sociais nos obrigarão entregar amanhã?

E assim, pensando, o brasileiro solicitará ao seus amigos maior clemência para os seus inimigos de ontem.

E que expecto será o desejo expansionista russo diante de uma socicitação humana dos brasileiros? Nada, visão, fantasia puramente, cairá por terra.

A paz que os brasileiros pleiteiam é uma paz duradoura e não de arraigar nacionalismos e rancores capazes de ameaçar as gerações futuras, para cuja existência as atuais são responsáveis.

Essa é a paz que a nossa Delegação deseja para a Italia e, nós brasileiros de todas as classes e de todas as origens queremos, sentindo-nos bastante orgulhosos desse ato, porque em nossos corações existe o amor da raça latina, a qual é dotada de sentimentalismo, de renúncia, justiça e o don de dár a todo sêr humano um lugar ao sol e não da presunção de axfixiar o semelhante com credos e doutrinas idealógicas.

Assim pensam os brasileiros na conferência da paz. E a sua vós ha de ser houvida, por certo, porque o Brasil, nesta questão não é um satélite, mas uma nação absolutamente independente.

E os outros maiorais não de atende-lo.

A Constituinte e a Usina de Açúcar de Ubirama

A esta hora, já é de conhecimento dos lençenses que o Instituto do Açúcar e do Alcool solicitou, aos drs. Gabriel e Elias Rocha, mais o prazo de noventa dias para lavrar a escritura do terreno onde deverá ser instalada a Usina.

A causa, seja ela qual fôr, não adianta discuti-la, mas o fato é que mais trez mezes de penosa expectativa e anciedade da classe canavieira para ver realizado difinitivamente o negócio de uma propriedade que o I. A. A. tomou posse solenemente no dia 18 de Setembro do ano passado.

Mas, porque o Instituto do Açúcar e do Alcool vai protelando a construção ou pôr em concorrência a edificação da Usina? A culpa não é totalmente daquela autarquia. Depois de que o dr. Getulio Vargas deixou o governo, o I. A. A. recebeu pancadas de to-

Adiado por mais noventa dias o praso para ser lavrada a escritura do terreno da Usina de Açucar

O sr. Luiz Azevedo, gerente da Distilaria Central de Ubirama, participa-nos que recebeu uma comunicação do Instituto do Açucar e do Alcool, solicitando que fosse adiado por mais noventa dias o praso para ser lavrada a escritura do terreno onde deverá ser instalada a Usina de Açucar, nesta cidade.

A solicitação do Insti-

tuto do Açucar e do Alcool se prende ao motivo de se incluir no plano da concorrência ás firmas interessadas, o terreno tambem.

E segundo ainda o sr. Luiz Azevedo, os drs. Gabriel e Elias Rocha estão de pleno acordo, quando á dilatação desse prazo.

Assim, teremos que esperar mais uns belos noventa dias.

do lado, não sabendo onde esconder a cabeça. E as mais pesadas foram desferidas na Constituinte. E, nessa desesperada contingência, foi adiando e anulando os seus planos primitivos, não escapando, na alteração, a Usina de Açucar de Ubirama, solenemente prometida, em discurso pelo dr. Fernando de Oliveira Guenna, então representante do dr. Barbosa Lima Sobrinho.

O que restaria fazer então agora? Politicos ubiramenses que têm representantes eleitos na Constituinte, por seu intermédio, levar ao conhecimento do governo a crítica situação dos canavieiros do município, criada pelo aumento dos canaviais, diante da promessa do Instituto do Açucar e do Alcool de instalar a Usina no periodo 1945-1946.

A Constituinte, que tanto batalhou em prol dos usineiros do açucar, agora seria justo tambem que propugnasse em favor dos canavieiros de Ubirama, fazendo com

que o I. A. A. mantenha o plano de construir a Usina e com a máxima urgência, salvando assim, nesse caso, a triste situação dos canavieiros de Ubirama, a cada dia mais agravada.

Mas, para isso é preciso que os politicos de nossa terra procurem os representantes do município na Constituinte, fazendo-lhes sentir o que ocorre por aqui.

O povo de Ubirama fez politica para garantir a sua existência econômica e social e nada mais.

Convem não descuidar do caso.

Decreto N. 7

O Prefeito Municipal de Ubirama, usando da atribuição que lhe confere o decreto-lei Estadual n. 13.030, de 28 de outubro de 1942, art. 12 «ESTATUTO DOS FUNCIONARIOS PÚBLICOS CIVIS MUNICIPAIS» e disposto no titulo I—capitulo I e II, do citado Estatuto, resolve:

Artigo 1.º—Exonera a Pedido o Snr. Antenor Pinheiro de Freitas, do cargo mensalista «Guarda Noturno» da cidade.

Artigo 2.º—Nomeia em substituição para o mesmo cargo o Sr. Benedicto Daniel Sarragini.

Artigo 3.º—Este decreto executivo, entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Ubirama, 1.º de Agosto 1946.

José Salustiano de Oliveira
Prefeito Municipal

Dr. Antonio Tedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Floriano Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

Dr. João Paccola Primo

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

O Rádio fala da Imprensa do Interior

A Imprensa do Interior, esse contínuo esforço que se eterniza no quotidiano das lutas pela cultura e pela informação, vai ter agora o seu programa no rádio brasileiro. E quando o rádio fala da Imprensa do Interior é sinal que esta já entrou definitivamente no coração do povo.

O jornal do Interior representa o sacrifício diário, sem medição de trabalhos e de tarefas, de quasi sempre, um só homem que luta e vibra para «botar na rua» o seu próximo número. E cada número é mais uma vitória nessa batalha quotidiana pelo «pão do espírito». O diretor do jornal do Interior, geralmente entende de tudo: E' Guttemberg distribuindo tipos na caixa. E' Akrom imprimindo grossos «in folios» no seu prélo. E' Mercúrio tratando de negócios de venda e de propaganda - é tudo ao seu jornal. Em geral, esse semanário ou bi semanário é uma organização de um só homem e cumpre, guardando as proporções, com a mesma tarefa da grande Imprensa das capitais, tendo talvez um por cento ou menos das possibilidades técnicas daquela.

Por essa razão, para mostrar o esforço glorioso dos jornalistas do Interior no cumprimento de suas tarefas é que o Jornal do Interior vai ser, agora, glorificado numa audição de rádio. Todos os domingos, às 23 horas, a RADIO RECORD de São Paulo, está apresentando aos seus ouvintes de todo o Brasil (pois o Record atinge todo o Território Na-

cional, com seus 50.000 watts) - o programa JORNAL DO INTERIOR, proporcionando ao público radiouvinte a história da Imprensa indígena, a divulgação da sua história, de suas necessidades, de sua gloriosa marcha em benefício da coletividade a quem serve com um máximo de boa vontade e de valor profissional.

A SÍFILIS

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

ELIXIR DE NOGUEIRA

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:

REUMATISMO
ESCRÓFULAS
ESPINHAS
FÍSTULAS
ÚLCERAS
ECZEMAS
FERIDAS
DARTROS
MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"
CONHECIDO HÁ 45 ANOS
VENDE-SE EM TÓDA PARTE

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

Clube Recreativo

Por um grupo de senhores da nossa sociedade, está sendo encetada inteligente campanha em prol da fundação de um clube recreativo, nesta cidade.

E segundo se informa de partes competentes, a futura sociedade terá o prédio da sua sede construído em terreno próprio.

Para isso, já foi adquirido um bellissimo lote de terra frente ao jardim público, ou seja á Praça da Bandeira.

Sêlo de Educ. e Saude

Tornamos cientes os nossos amáveis leitores que a partir do dia 20 do corrente, segundo a

nova lei, o Sêlo de Educação e Saude será aplicado, em todos os documentos, de Cr. \$ 0,80 ao invéz de Cr. \$ 0,40, como vinha vigorando.

Hoje no Cine Guarani:

Sua alteza quer cazar

Imposto Industria e Profissões

Tornamos público que a Coletoria Estadual, no corrente mês, está recolhendo o Imposto Industria e Profissões, correspondente ao 3.º trimestre do ano em curso.

ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530
Caixa Postal, 9 — UBIRAMA

Depart. Juridico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261
AGUDOS

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00

Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -

Rua São Bento, 341

FILIAIS:

Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná) — Campinas-Cruzeiro — Jaboticabal — Jacareí — Jaú-Lorena — Mogí das Cruzes — Mogí-Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama - (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa
C/C. Limitadas Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio - taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em UBIRAMA: Rua 15 de Novembro, 779

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces,
petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

Grupo Escolar «Espe-
rança de Oliveira»

Princesa Isabel

O Brasil, logo após seu descobrimento ficou como que abandonado, porque Portugal passara mais suas vistas para as Indias.

Como os piratas europeus estivessem roubando madeiras e riquezas do nosso território, Portugal mandou diversas expedições para cá, para colonizar e guardar as costas brasileiras.

Aqui chegando as expedições, os portugueses procuravam escravizar os indígenas, pois precisavam de braços para as suas lavouras.

Nesse tempo o Brasil estava dividido em capitânicas, as quais eram doadas a portugueses nobres.

Como os donatários não tinham amizade e haviam muitas desinteligências entre eles, Portugal resolveu mudar o sistema de capitania.

Nessa época havia pouca gente para o trabalho do nosso território.

Os portugueses traziam negros da Africa, que aqui chegando eram vendidos como animais irracionais.

Isso era uma mancha negra que um país grande e rico como o nosso não deveria possuir.

Os estudiosos acharam que o Brasil devia terminar com aquela situação degradante. Como os Estados Unidos da América do Norte havia libertado a escravidão, os brasileiros também queriam fazer o mesmo.

Rio Branco, Saraiva, José do Patrocínio e outros homens, estavam trabalhando com ardor para esse fim.

Então, Rio Branco teve a idéia de libertar as crianças que nascessem dessa época em diante. Essa lei, a do Ventre Livre, foi assinada pela Princesa Isabel, filha de D. Pedro II.

Como seu pai estivesse na Europa, ela ficou em seu lugar, governando o Brasil. Essa lei animou a Princesa, que também teve a idéia de terminar para sempre a escravidão em nossa terra.

Assinada a lei Aurea a 13 de maio de 1888 ficou extinta a escravatura para sempre em nossa pátria.

A Princesa Isabel, filha de D. Pedro II e da imperatriz Dona Tereza Cristina Maria, nasceu a 29 de julho de 1846 e casou-se com o príncipe D. Luiz Filipe Maria Fernando Gastão de Orleans conde d'Eu, nascido em 1842 na

França, este, quatro anos mais velho que a Princesa.

O Brasil deve gratidão a aquela figura, de coração bondoso e alma carinhosa. Faleceu na França a 14 de novembro de 1921, com 75 anos de idade, deixando três filhos: D. Pedro de Alcântara, o príncipe de Grão-Pará; D. Luiz Felipe e D. Antonio Gastão.

Princesa Isabel foi uma das mulheres mais inteligentes que o Brasil possuiu.

Seus professores foram: Dr. Francisco Crispiano Valdetaro, Padre Marcos Neville e outros.

No dia 29 do corrente mês, festejamos com ardor o centenário de seu nascimento, homenagem que lhe prestamos.

Adolfo Ranzani - 4.º ano

Grupo Escolar «Esperança de Oliveira»

CAIXA ESCOLAR

Balancete do mês de Julho de 1946.

RECEITA

Saldo que veio do mês anterior	2.158,50
Contribuição dos srs. pais de alunos	153,00
Contribuição dos professores e diretor	37,00
Juros contados pela Caixa Econômica (1.º semestre)	58,90
	2.407,40

DESPESA

Pg. a Irmãos Luminatti (material escolar) Doc. n. 5	10,00
Saldo que passa para o mês de Agosto e que está depositado na Caixa Econômica local (r.\$ 2.397,40.	

NB — A distribuição de merendas foi paga pela L.B.A. (núcleo local).

Ubirama, 31 de julho de 1946.

João B. Vianna Nogueira - Diretor
Orlando Candido Machado - tesoureiro
Antonieta E. Yelli Grassi Malatrazzi - Presidente

Usina de Açúcar São José

Segunda feira última, em companhia do sr. Angelo Augusto Paccola, sr. Bruno Brega e sr. João de Moura Camargo, visitamos a Usina de Açúcar São José, recentemente instalada e de propriedade da firma Zillo & Lorenzetti.

Chegando, fomos ama-

velmente recebidos pelos srs. Julio Lorenzetti e Antonio Lorenzetti Filho, a cargo dos quais está, respectivamente a administração da fazenda e a gerência da Usina.

Tendo-lhe demonstrado o interesse da nossa visita, o sr. Antonio Lorenzetti Filho, acompanhou-nos pelas diversas seções da Usina, desfazendo-se em explicações a todas as nossas perguntas.

E segundo as suas afirmações, aquela industria açucareira já está capacitada para produzir 180 sacas de açúcar diárias, ainda que grande parte do tempo continue sendo tomado em experiências.

A Usina de Açúcar São José espera fabricar, no corrente ano, 20.000 sacas de açúcar aproximadamente.

Como se vê, uma grande fonte de riqueza que fugiu ao nosso municipio.

Anunciem neste jornal

Sementes de Capim

Aceite desde já pedidos das seguintes sementes de capim da próxima safra para embarques futuros

Catingueiro roxo (Gordura)

Jaraguá

Colonião

Germinação garantida

C. Vanni -

Rua do Cruzeiro N.º 751

Telefone, 74 — TATUI

Prefeitura Municipal de
Ubirama

AVISO

De ordem do senhor Prefeito Municipal, ficam avisados todos os contribuintes, quer do distrito da Séde, como dos distritos de Borebi e Alfredo Guedes, que a TAXA DE CONSERVAÇÃO DE ESTRADAS DE RODAGEM, será cobrada durante o mês de Agosto do corrente ano, de conformidade com o Edital afixado em lugar de costume.

Findo o referido prazo, será a mesma cobrada com 10% (deis por cento) de majoração.

Lançadoria da Prefeitura Municipal de Ubirama, em 28 de Julho de 1946.

a) Rogerio Giacomini
Escriturário Lançador

FRACOS E ANEMICOS!
Tomem:
VINHO CREOSOTADO
Do Ph. Ch. João de Silve Silveira
Empregado com muito sucesso:
Tosses
Resfriados
Bronchites
Escrophulose
Convalecencas
VINHO CREOSOTADO
é um gerador de saúde.

Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

É assunto vulgar que Rui Barbosa vendo um papel simplesmente escrito recolhia-o mesmo que fosse do pavimento do seu gabinete de trabalho, dizendo que assim o fazia porque ali estava representado um esforço mental.

Parece anedóta! Falando em anedóta, a propósito, Humberto de Campos, em seu livro «Brasil Anedótico», revela fina passagem de Rui Barbosa.

Constancio Alves perguntará ao maior juriconsulto brasileiro onde lêra um conto infantil que lhe despertara interesse.

E para que a anedóta conserve o que possui de mais belo em essência literária, transcrevo-a tal Humberto de Campos a conta em seu livro:

«A águia... e o «Tico-Tico».

Rui Barbosa era um espírito faminto de leituras. Lia tudo. Passava pelos olhos todos os jornais do Rio, quasi todas as revistas, e não dispensava à cabeceira, para conciliar o sono, um romance policial.

Certa vez, em conversa com Constancio Alves, sitou o grande publicista um conto infantil, que lhe havia despertado interesse,

—Onde V. Excia., o leu? — teria indagado Constancio.

E o mestre:

—Não estou certo; creio, porém, que foi no «Tico-Tico».

Vejam só, um Rui Barbosa lendo também papéis simplesmente escritos e revistas infantis.

Que cousa... eu, ao invés, longe em literatura como esta a menor estrela no céu, já quero discutir porque a Alemanha perdeu a guerra. Ou que os temporais deste inverno foram provocados pela bomba atômica.

Vejam só que diferença!

E' anedóta.

LISSER

Aniversários

Fez anos ontem a menina Marilene Sasso, filha do snr. Zequis Misereis Sasso.

Fazem anos hoje, o sr. Hermenegildo Coneglian, o snr. Vitorio Coneglian a srta. Maria Eunice Brega, filha do sr. Bruno Brega e o jovem Walter Finco.

Dia 5, o menino Mauricio Henrique, filhinho do sr. Mauricio de Macedo Cardoso e d. Onelia C. Cardoso, residente em São Paulo.

Dia 6, a srta. Madalena Radicchi, filha do sr. Francisco Radicchi, e o snr. Pedro Cezarotti.

Dia 8, a sra. Iva Carani, o menino Ozien Malavasi, a srta. Leonice Romani, filha do sr. Paulo Romani; a menina Dolores, filha do snr. Augusto Paocola, a menina Zuleica Boso, filha do sr. Bruno Boso e d. Ruth M. Boso; e o menino Heitor Amaral, filho do sr. Lazaro Amaral.

Dia 10, a srta. Marina Zillo, filha do sr. Gerolamo Zillo.

Conselho Nacional do Petróleo

Colegido em bellissima brochura, recebemos, amavelmente fornecido pelo Conselho Nacional do Petróleo, o Relatório de 1944.

Diretor: Alexandre Chitto

O ECO

Redator-Chefe: Orlando Pauletti

ANO IX

Ubirama, 4 de AGOSTO de 1946

NÚMERO 432

FUTEBOL

A. A. Guanabara de S. Paulo, caiu frente ao C. A. Lençoense pela elevada contagem de 6 a 0, no jogo de domingo último. — Tite 2, Didi 2 e Renatinho 2, os marcadores para os lençoenses.

A nossa praça de esportes, domingo último, foi teatro de uma sensacional partida de futebol, disputando A. A. Guanabara, de São Paulo, versus C. A. Lençoense, vencendo espetacularmente a turma de Sandro pela elevada contagem de 6 a 0.

Na partida domingo realizada, o quadro lençoense parecia como franco favorito. E de fato, existiam evidentes motivos para tal conclusão: fator campo e a forte disposição dos locais de se reabilitarem dos últimos insucessos.

E assim, ainda que o quadro visitante viesse integrado de elementos apreciáveis, apresentando um jogo homogêneo, prevaleceram os palpites que davam a franca vitória aos locais.

O C. A. L. demonstrou possuir, inegavelmente, uma equipe formada de grandes valores, rendendo coletivamente, domingo último, a sensacional partida tão ansiosamente esperada pela numerosa torcida que se reuniu ao redor da nossa «cancha».

No quadro lençoense houve duas alterações, apareceram Helio e Renatinho, este o «Toscani-

no» do nosso quinteto atacante, que o harmonizou espetacularmente, dando-lhe vida e um jogo perigoso. Helio, Mano, Didi, Renatinho e Tite, estiveram numa grande jornada, não dando tréguas aos defensores da cidadela do Guanabara.

Prova evidente que logo no primeiro tempo, os lençoenses já se haviam garantido a vitória, marcando quatro tentos.

Como de costume, a defeza do C. A. L. atuou admiravelmente.

Os «guanabarinós» disputaram uma excelente partida, vencidos mesmos não perderam o ardor do início da pugna, exigindo bem caro pela sua derrota. Porém não tiveram ocasiões de violar as redes de Oberdan.

Os tentos foram marcados: Didi 2, Renatinho 1, Tite 1, no primeiro tempo. E Renatinho 1, Tite 1, na segunda fase.

O quadro lençoense alinhou-se com a seguinte organização: — Oberdan, Imperato e Limão; Belfare, Hilmo e Abilio; Helio, Mano, Didi, Renatinho e Tite.

Arbitrou a partida o sr. Aguinello Leonardi, da F. P. F., tendo ótima arbitragem.

O C. A. Lençoense enfrentará hoje o forte conjunto do E. C. Municipal de Vera Cruz

Em partida amistosa jogará, hoje, no gramado local, o C. A. Lençoense x E. C. Municipal de Vera Cruz, da cidade do mesmo nome. Pois, como sabemos o esquadrão visitante contará em suas fileiras elementos de real valor, dispostos a conseguir uma brilhante vitória.

O C. A. Lençoense, por sua vez, não deixará de poupar esforços para que se desenrole uma bellissima partida, pois, a nossa equipe conta também com ótimos elementos,

dando assim ao povo Ubiramense uma bela tarde esportiva.

Anunciem neste jornal

Comemorado o centenário de Nascimento da Princesa Isabel

Como em todo Brasil, no dia 29 do mês passado, foi feriado no município, em homenagem à memória da Princesa Isabel, a Redentora.

No grupo escolar «Esperança de Oliveira», comemorou-se o centenário de nascimento, com a realização de um significativo programa, participando professores e alunos do estabelecimento de ensino.

Dando início à sessão cívica, o Orfeão, sob a regência da prof^a. Aracy Sales, executou diversas peças. Depois, o professor João B. Vianna Nogueira, diretor do grupo escolar «Esperança de Oliveira», proferiu longa palestra entorno da vida da Princesa Isabel.

O recolhimento de Cédulas de milreis

RIO — A propósito da decisão da Junta Administrativa da Caixa de Amortização, mandando recolher daqui a seis meses a contar de 1.º de agosto, todas as cédulas do extinto padrão milreis das estampas 9.a, 10.a, 12.a, 15.a e 16.a, dos valores de 500, 100, 10 e 5 cruzeiros, alega-se que muitas dessas cédulas já são consideradas sem valor, mas serão agora valorizadas em virtude daquela resolução.

Acrescenta-se que existia em circulação até 30 de Junho, Cr\$ 18.547.167.492,00 num total de 269.051.105 cédulas assim discriminadas:

Cruzeiros - 7.904.334.947,50 com 110.031.191 cédulas.

Mil reis - 10.642.838.544\$500 com 159.719.914 cédulas.

PROJETOS E CONSTRUÇÕES

ANTONIO PAUANATO

LICENCIADO

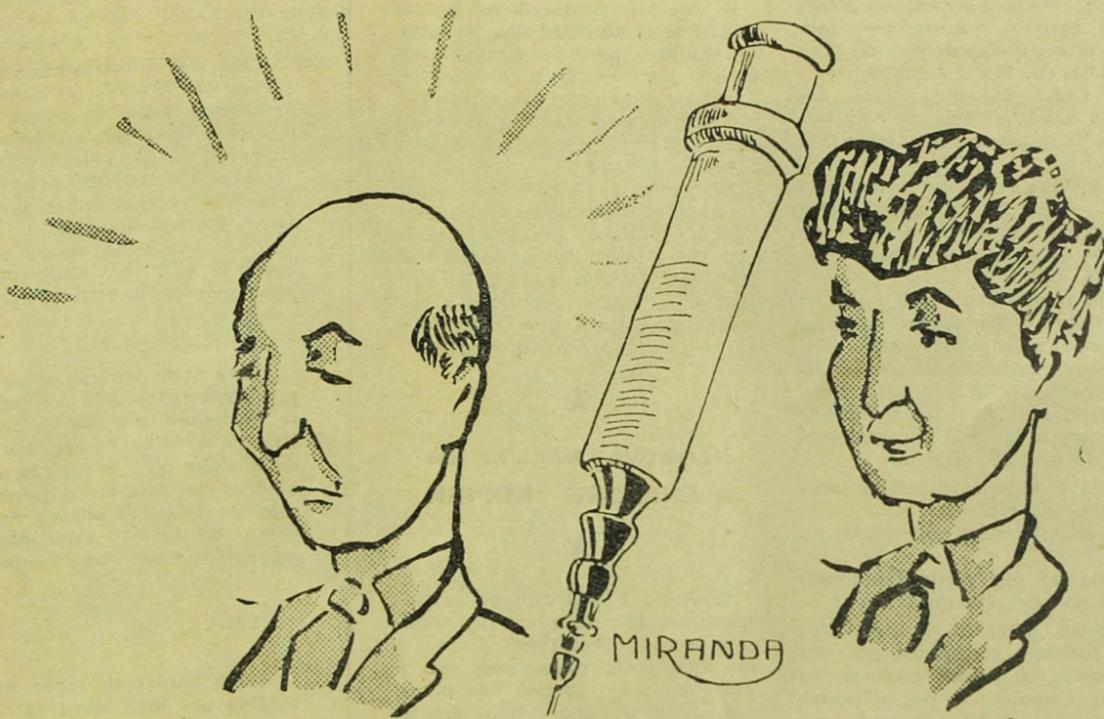
COPIAS HELIOGRAFICAS

Carteira Profissional n. 506/46 — Registro no Conselho Regional Engenharia Arquitetura n. R.—323/45.

Rua José Marcolino, 250 — UBIRAMA

ALEGRAI-VOS, CARECAS E GRISALHOS!

De R. ARGENTIÈRE



Entrou para o arsenal da clínica mais uma vitamina, a H. Ela foi descrita pela primeira vez, por Miss Boas, em 1927. O conhecido vitaminólogo húngaro Szent-Gyorgy reconheceu, em 1931, esta vitamina como um princípio dietético indispensável ao homem. Sua ação faz-se sentir principalmente nas crianças, por ser uma vitamina necessária à integridade da pele. Por isso, foi denominada "fator cutâneo", sendo seu nome substituído logo depois, por vitamina H ou "Haut-Vitamin".

Gyorgy, fazendo experiências em ratos mantidos durante 1 ou 2 meses em dieta carente de vitamina H, constatou o aparecimento de um estado seborréico, com formação de crosta e escamas e queda do pêlo. Administrando em seguida o fator H, a pele normalizou-se e cresceram novos pêlos. A pele novamente formada é rica em pigmentos, os pêlos são mais sedosos e mais brilhantes do que os anteriores. No rato em carência absoluta ou relativa de vitamina H desenvolvem-se alterações cutâneas inflamatórias, próximas às da pelagra murina. Gyorgy separou estes dois quadros mórbidos, aproximando os sintomas observados nas carências em vitamina H ao estado seborréico humano.

A vitamina H não é solúvel na água, nas gorduras nem nos solventes das gorduras. Parece achar-se fiada nas partes sólidas dos alimentos, provavelmente nas albuminas. A libertação da vitamina é realizada normalmente nos intestinos. Absorvida, a vitamina é armazenada quase exclusivamente nos rins e no fígado. Quando a absorção intestinal estiver perturbada, pode haver "deficit", aparecendo então o estado seborréico. O recém-nascido não possui reservas de vitaminas H, explicando-se assim a frequência da seborréia na primeira infância. Foi observado um fato curioso: a vitamina H, contida no fígado e nos rins quando cozidos ou assados, aumenta de quantidade. Isto é explicado pelo fato de que a vitamina H sempre está ligada às albuminas que melhor se desdobram depois de cozidas ou assadas.

A vitamina H é muito espalhada na natureza, sendo o rim de porco cozido, rim de boi, fígado de boi e de porco os alimentos mais ricos, principalmente o primeiro. Encontra-se no farelo de arroz, no espinafre, repólho, gema de ovo, caseína, etc. O leite da mulher é mais pobre que o da vaca, nesse fator vitamínico. Os eczemas seborréicos das crianças seriam proporcionais à pobreza de vitamina H da alimentação humana. Segundo Gyorgy, o estado seborréico do lactente é o principal campo de ação da vitamina H. Esta age nas duas formas de seborréia: a dermatite seborréica eritematosa e eritrodermia descamativa de Leiner. O estado seborréico caracteriza-se por modificação no metabolismo gorduroso e alterações cutâneas com modificação na cornificação.

Recentemente, a vitamina H foi identificada à biotina. A biotina é uma substância de grande importância, da economia do corpo humano. Ela foi isolada, cristalizada por Koegl e Tonnis, que utilizaram a gema do ovo, como matéria-prima. Du Vigneaud e seus colaboradores encontraram a biotina no leite e nos extratos hepáticos em grandes quantidades, o que permitiu sua preparação em alta escala e o estudo de sua estruturação. Antes dos trabalhos de Du Vigneaud a biotina era de tão difícil obtenção que uma libra custava no mínimo sessenta milhões de dólares, isto é, cinco vezes o custo do rádio.

Em trabalhos posteriores do mesmo laboratório chegou-se, finalmente a estabelecer que a bio-

tina tinha uma estrutura que representa um tipo novo dentro das vitaminas. As propriedades físicas da biotina isolada do fígado ou do leite pelo grupo de Cornell, nos Estados Unidos, e a obtida por Koegl e seus colaboradores não são exatamente iguais, nem tampouco coincidem seus derivados, o que então se atribuía a pequenas impurezas, uma vez que a ati-

vidade fisiológica qualitativa era a mesma para os dois produtos.

A vitamina H pode ser administrada na calvície do adulto conseqüente à seborréia do couro cabeludo. No homem, o estado seborréico é caracterizado por uma perturbação na secreção sebácea, havendo produção aumentada de um produto anormal.

A albumina do ovo e as gordu-

ras, quando ingeridas em excesso, agravam este estado mórbido. A vitamina H deve desempenhar seu papel na manutenção do metabolismo gorduroso normal e afastar os efeitos tóxicos da clara de ovo.

É interessante assinalar que Koegl e seus colaboradores propuseram em 1943 outra estrutura para a biotina da gema de ovo. Para esclarecer essas discrepâncias,

Koegl e Ten Ham prepararam biotina a partir de um extrato de fígado e com as amostras das duas origens puderam comprovar que, efetivamente, as substâncias não são idênticas e que, inclusive, a biotina obtida da gema do ovo é duas vezes mais ativa que a do fígado, quando se ensaia sua atividade no desenvolvimento de leveduras. E o mais interessante é que as duas substâncias têm atividades fisiológicas similares, apesar de sua estrutura diferente.

Na gema do ovo encontra-se uma outra substância, a avidina, que parece atuar como giroscópio ou dispositivo de equilíbrio de várias funções vitais. Segundo experiências realizadas em animais de laboratório, uma dieta exclusiva de clara de ovo parece causar o câncer, pelo qual se começa a responsabilizar a avidina. Segundo parece, ela consome a biotina, cuja ausência constituiria fator de predisposição ao câncer. Assim a ação biológica da biotina é neutralizada pela avidina. Esta substância é o prototipo de anti-vitaminas. Sabe-se hoje que a biotina é um fator necessário para a multiplicação de determinados organismos e a conservação normal dos mecanismos funcionais nos animais superiores. A falta de biotina, na dieta destes, traduz-se em lesões da pele (nos ratos e pombos). Na criança e no adulto aparecem em alguns casos transtornos característicos da pele, das mucosas e fenômenos gerais, que cedem ante o tratamento da vitamina H.

Uma outra importante vitamina acaba de ser posta a serviço da medicina. Chama-se ela vitamina Bx. As experiências demonstraram que possui inúmeros efeitos. Por isso é também conhecida com as denominações de "fator cromotrófico", "vitamina anti-canítica" e "fator anti-sulfanilamida". Seu nome científico é "ácido paraminobenzóico".

É parente próximo dos anestésicos: da anestesia, da butesina, da novocaína. É muito solúvel na água, no álcool e no éter. Em experiências realizadas em animais, e recentemente em seres humanos, descobriu-se que o cabelo grisalho, mesmo nas pessoas de idade avançada, volta à cor original, ou melhor, faz nascer cabelos da primitiva coloração.

A vitamina Bx é fator indispensável no crescimento dos pintos e ratos. Sua carência determina o embranquecimento dos cabelos por desequilíbrio com a quantidade normal de ácido pantotênico (outra vitamina de grande importância). É usada ainda para neutralizar os efeitos bactericidas da sulfanilamida, pelo que se denomina "fator anti-sulfanilamida". É um componente do complexo B.

A vitamina Bx tem, agora, um alto emprego contra a pressão arterial por um processo curioso e interessante, onde a medicina aplica seus conhecimentos de estretegia.

A tirosinase é um fermento da classe das oxidases e responsável pelo enegrecimento que se produz na superfície recém-cortada de muitas plantas e vegetais. É geralmente extraída da batata, de certos cogumelos, etc. A tirosinase, quando aplicada sôzinha, age de maneira fulminante sobre a pressão arterial, no sentido de reduzi-la que o paciente corre perigo de vida. A vitamina Bx possui a qualidade de frear a ação da tirosinase, possibilitando seu emprego medicinal, sem qualquer perigo de vida para o doente.

Com estas duas vitaminas postas à disposição da clínica, principalmente os carecas e os grisalhos devem ficar satisfeitos. Têm eles agora duas legítimas esperanças de poderem voltar a ter "cabelos tão sedosos e tão belos como eram na sua mocidade".

Porque Guerra Junqueiro não veio ao Brasil nas festas da Independência

Na sessão da Academia Brasileira de 9 de março de 1922, Coelho Neto propôs que se enviasse uma mensagem a Guerra Junqueiro convidando-o a vir ao Brasil, por ocasião das festas comemorativas do 1.º centenário de nossa Independência. Guerra Junqueiro não pôde vir. Mas desse episódio ficaram dois belos documentos literários, que damos nestas colunas: a mensagem da Academia, escrita por Coelho Neto, e a resposta de Guerra Junqueiro.

"Senhor Guerra Junqueiro,

Quando nos chegou a notícia de que haviésido indicado, por vossa Pátria, para a representardes, entre nós, como seu embaixador intelectual, por ocasião das festas do Centenário da nossa Independência, já esta Academia, da qual sois membro, por voto unânime de todos os seus titulares, havia resolvido convidar-vos, como seu hóspede, prestando, nas homenagens que vos tributasse, justo preito ao astro maior, e verdadeiramente representativo, da Poesia Portuguesa contemporânea.

Escusastes-vos, por motivos íntimos, à missão; nem por isso, entretanto, a Academia desiste do seu propósito, manifestando-o em votos entusiásticos.

O amor radica-vos à terra pátria e, naturalmente, recusai-vos a partir pelo receio que tendes de que o vosso coração não suporte a nostalgia.

Saindo das vossas plagas não vos apartareis, senão do solo, o mais tereis sempre presente nos sentidos, e, ainda do espaço que percorrerdes, hão de vos surgir à mente as glórias do Passado.

Sulcareis os mares cortados, pe-

la primeira vez, em monção de ventura, pelas proas altas dos galeões manuelinos. Vereis os astros que alumiarão os navegadores na grande viagem misteriosa.

Contempleis, à luz de ouro do nosso sol, a terra moça e linda que se levantou das ondas vesti-



da de selvas verdes e que foi festivamente sagrada, batizada, esforçadamente desbravada, pródigoamente semeada, heróicamente defendida pelos pescadores de mundos, gente saída, ao clangor do tubas, dos vossos campos, dos vossos montes e cidades, e ouvireis, contente, o som da Pátria, que é o idioma, um tanto abrandado pela languidez das nossas vozes, instrumentos dalma.

Achareis no altar a mesma Crença, na História feitos dos vos-

soz bravos, nos lares os mesmos hábitos e costumes vossos, a mesma tradição nos cantos, o mesmo amor nas almas. Mudareis apenas de casa — a Família será a mesma. E aqui, entre nós, sob o toldo da nossa bandeira, com a qual vos acenamos, sereis como o génio lírico de Portugal em visita de amor à terra do Brasil. E, recebido no ádito, onde se conserva o fogo sagrado da nossa nacionalidade, lume que a nossa Alma retirou do altar onde flamejam "Os Lusíadas" e rebrilham os fulgores da mística e ainda relumam os clarões de novas chammas como as que aclaram a obra de Herculano, coruscando intensamente nos brasidos de Camilo, e cintilam nas tripedes de Eça de Queiroz e Fialho, vereis que a língua é estimada com devoção pelos que nela procuram criar Belezas, como as que tendes realizado, mantendo-a à altura a que a elevaram os mestres.

Entre nós, onde sois amado e admirado, não andareis como estrangeiro, senão como da Família, e a Poesia vindo convosco das searas e dos olivais confraternizará com a Poesia das florestas virgens.

A Academia Brasileira espera a vossa resposta para transmiti-la ao Brasil.

Rio de Janeiro, 11-4-1922.

Coelho Neto".

RESPOSTA DE GUERRA JUNQUEIRO

Confrades e amigos, Aniquilado pela doença, abandonado de todo, há muitos meses; os meus trabalhos espirituais. Toda-via fui adiando a resposta à vossa [Conclui na segunda página]

AOS MARTIRES DE OUTRORA

O ano 200 da nova era tocava o seu termo.

Faltavam, apenas, quinze minutos para a hora em que, no mesmo dia e no mesmo mês o último Estado governado conforme o velho sistema, o país mais obstinadamente conservador e rotineiro, tinha renunciado, por fim, ao seu cego chauvinismo, e, com alegria de toda a terra, havia entrado na união anarquista dos homens livres do mundo inteiro.

Segundo o calendário antigo, isso tinha sucedido no ano 2960 depois de Jesús Cristo.

Mas em nenhuma parte se festejava a entrada do ano novo com tanto esplendor e alegria, como nos polos: Norte e Sul, nas estações centrais da grande Associação Electro-Magnética.

Durante os últimos trinta anos, milhares e milhares de engenheiros, de mecânicos, de técnicos, de astrónomos, de matemáticos, de arquitetos e de outros sábios especialistas, tinham trabalhado, infatigavelmente, na realização da mais grandiosa e heróica idéia do século XXII.

Acariçavam o projeto de converter o globo terráqueo em uma gigantesca bobina electro-magnética.



Um brinde ao passado, no século XXXII...



ca, e com esse objetivo o tinham envolvido de norte a sul, numa espiral de fio metálico, revestido de caucho, cujo comprimento se aproximava de quatro mil milhões de quilómetros.

Nos dois polos haviam construído dinamos de potência inacreditável, e haviam unido todos os pontos da superfície do planeta, com inumeráveis fios.

Não só os habitantes da terra, como também os dos outros planetas, com os quais a Terra estava em constantes relações, tinham seguido com interesse apaixonado, a marcha dos trabalhos.

A uns, a empresa da Associação, inspirava-lhes sérias desconfianças, e a outros, inspirava-lhes horror.

Mas a Associação acabava de realizar o seu projeto brilhantemente, triunfando de todas as previsões pessimistas. E a festa do ano novo, era ao mesmo tempo, a solenização do citado triunfo.

A inesgotável força magnética da Terra punha em movimento as fábricas, as máquinas agrícolas, os trens e os navios. Iluminava as ruas e as casas, aquecia as habitações e tornava desnecessário o carvão, cujas minas se tinham esgotado muito tempo antes.

Desterrava completamente as chaminés, que impurificavam o ar e matavam com o fumo as flores, as árvores e plantas, verdadeira alegria da terra.

Enfim, fazia milagres no que tocava à agricultura e quadruplicava as colheitas.

Um dos engenheiros da estação do Norte, eleito presidente da reunião daquela noite, levantou-se com um copo na mão.

Fêz-se um profundo silêncio.

— Companheiros, disse o presidente, com voz firme, se vos parece, vou pôr-me imediatamente em contacto com os nossos queridos colaboradores da estação sul. Acabam de nos fazer sinais.

A enorme sala onde se encontravam era uma magnífica construção de cristal, ferro e mármore, adornada com flores exóticas e formosas árvores, e mais parecia uma estufa que um lugar público.

Detrás das paredes, a noite polar envolvia tudo em trevas, mas uns condensadores especiais, inundavam a sala — com as flores, as mesas admiravelmente servidas, as belas colunas que sustentavam o teto, as inumeráveis estátuas e a brilhante mó de gente — de uma luz não menos festiva e cintilante que a do sol.

Três paredes da sala eram opacas, mas a quarta, aquela para

que o presidente estava de costas voltadas, era um como que taboleiro quadrado de projeções, de um cristal muito fino e lúcido.

Recebido o consentimento da assistência, o presidente premiu com o dedo um pequeno botão elétrico que se via sobre a mesa.

O taboleiro iluminou-se imediatamente com uma luz interna deslumbrante, e, dir-se-ia, que logo se dissipou. Em seu lugar apareceu de repente outra sala, igualmente magnífica, também cheia de gente aboletada à roda de mesas suntuosamente servidas. Uns e outros seres humanos — todos belos, fortes, alegres, vestidos com esplendor — reconheciam-se e trocavam sorrisos, saudando-se com as taças erguidas, através de uma distância de 20.000 quilómetros.

Por causa do ruído geral, das risadas sonoras, nem uns nem outros ouviam a voz dos amigos longínquos.

O presidente, então, levantou-se de novo, e, com o gesto, pediu para falar. Instantaneamente, toda a gente emudeceu nos dois extremos do mundo.

Então o presidente falou assim: — Minhas queridas irmãs e meus queridos irmãos. Vós outras, encantadoras mulheres, às quais admiro com paixão, e vós, irmãos, a quem amei noutros tempos e para quem o meu coração está cheio de gratidão, escutai.

Glória à vida eternamente moça, bela, inesgotável!

Glória ao Homem, único deus na terra!

Glória ao seu corpo taumatúrgico e ao seu espírito imortal!

Olho-vos soberbos, amigos, alegres, audazes, confiantes em vós mesmos, e um grande afeto enche o meu coração. A nossa mente não conhece obstáculos, nada pode opôr-se aos nossos desígnios. Não há entre nós submissão, dominação, zelos, hostilidade, violência ou engano.

Todos os dias se abrem, perante os nossos olhos, mistérios que deixam de o ser, e a ciência se desenvolve de um modo esplêndido.

A própria morte já não nos espanta, porque nos vamos da vida, sem que a velhice nos haja desfigurado, sem que se pinte em nossos olhos um horror selvagem, e sem que a maldição brote dos nossos lábios, porque nos vamos da vida formosos, semelhantes a deuses, sorridentes.

Não nos agarramos desesperadamente aos nossos últimos dias, senão como fazem os viajantes cansados, cerrando os olhos docemente.

O nosso trabalho é uma delícia.

O nosso amor, partidas as cadeias da escravidão e da trivialidade, parece-se com o amor das flores: tão livre e tão belo é. O nosso único soberano é o gênio do homem.

Caros amigos, talvez o que estou dizendo seja vulgaridade, coisas que todo o mundo conhece há muito tempo, mas não posso falar-vos de outra maneira.

Esta manhã li um livro tão interessante, como horrível: "A história das revoluções do século XX".

Mais de uma vez, enquanto o lia, pensei: "Será isto, talvez, um conto fantástico?" Tão inverosímil, tão estúpido, tão cheia de horror parecia-me a vida dos nossos antepassados.

Sim, meus amigos: aquela gente, da qual nos separam nove séculos, parecia serpentes venenosas, encerradas numa mesma jaula. Viciosas, sujas, infectas de morbus, feios, covardes, esses nossos antepassados, matavam-se uns aos outros, cem cessar, roubavam-se pedaços de pão e escondiam-nos em esconderijos obscuros para que nenhum outro os visse. Roubavam, entre si, a terra, a água, os bosques, as casas, o ar! Bandos de vagabundos ávidos, apoiando-se em religiosos hipócritas, em ladrões e em impostores, enviavam turbas de miseráveis escravos a matar-se reciprocamente, e viviam como parasitas sobre a podridão da decomposição social. E a terra, tão grande, tão bela, era para aqueles homens estreita como uma prisão, e o ar que havia nela era

pesado como dentro de uma caverna.

Mas naquela época terrível, junto às bestas de carga, junto aos escravos covardes e sem dignidade, levantaram-se, de quando em quando, homens altivos, heróis de alma nobre, independentemente, dispostos ao sacrifício. Não consigo explicar-me como podiam nascer aqueles heróis em tal época vil e vergonhosa; naqueles tempos sanguinários, quando nem o lar era abrigo seguro para ninguém, quando a violência e o assassinato eram pagos com largueza. Esses heróis, na sua santa loucura, gritavam: "abaixo os tiranos".

O seu sangue tingia as pedras das ruas e as lages dos passeios. Os infelizes perdiam a razão nos calabouços: morriam enforcados, fuzilados. Renunciavam, satisfeitos, a todas as alegrias da vida, salvo a de morrer pela liberdade das gerações futuras.

"Não vêdes, amigos, essa ponte de cadáveres humanos que liga o nosso luminoso presente, àquele horrível e tenebroso passado? Não imaginais esse terrível rio de sangue, cujas ondas empurram a humanidade para o mar radiante e vasto da felicidade universal?"



Narrativa singular de ALEXANDRE KUPRIN



"Honra a vós antigos amigos desconhecidos, de quem nos separam séculos e séculos! Honra a vós, que tanto padecestes! Feis à morte com um sorriso nos olhos, que olhavam sempre para diante, para o remoto porvir! Preveis as gerações futuras, emancipadas, fortes, triunfantes e lhes enviáveis a vossa bênção ao morrer..."

"Queridos amigos. Que cada um de nós, sem pronunciar uma palavra, num silêncio religioso, braba um copo de vinho à memória daqueles mártires longínquos. E que cada um sinta no coração a bênção daquele olhar!"

Todos beberam em silêncio.

Mas u'a mulher de maravilhosa beleza, que estava sentada junto ao orador, súbitamente, uniu-se a ele, e começou a chorar doce e suavemente.

O orador, impressionado, perguntou-lhe a razão daquelas lágrimas.

A mulher de formosura esplêndida, respondeu:

— Apesar de tudo, eu quisera ter vivido naquela época terrível... com eles... com esses mártires sublimes!

Porque Guerra Junqueiro não veio ao Brasil

[Conclusão da primeira página]

generosa e magnífica mensagem, na esperança contínua duma saúde ilusória que não voltou. Ah, como eu desejaria aceitar o convite, e ser, na apoteose augusta

O VAGABUNDO

Foi publicada recentemente a biografia do imortal médico russo Mechnicof, que o grande Pasteur escolheu para seu imediato no famoso Instituto de Paris.

E quem o havia de dizer?

Mechnicof, antes de se fixar em Paris, onde produziu maravilhas de inteligência e de saber, foi um vagabundo inveterado.

Depois de se formar em medicina, deu em errar de terra em terra, de país em país, estudando plantas, parasitas, larvas, micró-



NA ESCOLA

— Quem foi que escreveu na parede: "o professor é um idiota?"

— Fui eu, senhor professor.

— Está bem. Por teres dito a verdade, ficas perdoado.

DE MADRUGADA

(MICROSCÓPICO)



RAUL POMPEIA

I

Tap, um lindo perdigueiro malhado, era o cão de um meu vizinho; e o meu vizinho um exquisito, desses homens que fazem não se sabe o quê, e vivem não se sabe como, isto é, cosendo o manto das aparências ricas com as misérias íntimas. Via-se-lhe a família a rir, a rir nas soirés, enfaixadas nas sedas, e não se via se chorava quando a chitinha doméstica substituía os tecidos faustosos. O meu vizinho Ricardo, por seu lado, era alegre, de uma alegria frenética, nervosa; isto em sociedade. Concentrado em seu gabinete, era um abstrato meditador, e um meditador triste.

II

Tap não o abandonava nessas horas de melancolia; o generoso cão entrava no quarto do dono, e pé ante pé, ia enrodilhar-se junto da poltrona de Ricardo. Punha-se a fitá-lo imóvel e interrogador. A melancolia do dono parecia influir na existência do pobre animal.

Tap ia perdendo visivelmente o curvilinear elegante das formas e começavam a emergir-lhe na pele umas saliências ósseas de mau desenho.

Era uma pena ver-se aquele homem e aquele cão, cruzando às vezes um olhar morno cheio de tristeza, isolados na meia sombra do quarto. Felizmente ninguém surpreendia tais cenas.

III

Esta noite um rumor despertou-me. Era a minha pêndula que dava horas. Não me foi possível contar as pancadas. Saltei do leito e com um fósforo iluminei o mostrador do relógio. Eram quatro horas. Boa hora de levantar-se para quem gosta de o fazer bem cedo. Contrariei com esforço a preguiça da madrugada, que me entorpecera, e preparei-me para um passeio. Devia ser agradável. Ao menos divertido. A hora em que o Rio de Janeiro salta náguas da Guanabara, para os seus mergulhos higiênicos, sempre se tem o que ver.

IV

Sai.

V

Uma hora mais tarde, minha curiosidade de passeante foi atraída por uma coisa extraordinária.

Eu costeava o cais da praia de... Num ponto em que o pequeno muro de cimento faz uma entrada, recolhendo o mar num remanso onde as algas apodrecem e dormem as ondas, vi uma sombra a saltar do chão para o muro e do muro para o chão, de um modo aflitivo, saltando como que gemidos, espiando para o mar, tentando pular e com medo. A luz do dia que chegava e as estrêlas que fugiam deixaram-me ver. A sombra era um cão: o perdigueiro malhado de meu vizinho. Uma pancada forte senti no peito.

VI

Encaminhei-me depressa para o lugar. Antes de lá chegar vi o cão atirar-se para o lado do mar e sumir-se.

Corri. No ponto em que estivera Tap eu inclinei-me, descansando os antebraços no cimento do cais e examinei o mar.

Fazê-lo e recuar foi coisa de um segundo. Lá em baixo boiava um cadáver de costas para cima, com os braços abertos. Perto dêle, o perdigueiro debatia-se, tentando puxá-lo.

VII

Entretanto, brilhava a aurora vermelha como uma chaga, derramando nas ondas as côres da tragédia.

Eu vi sobre o parapeito do cais um objeto branco. Era um envelope.

Fugiu.

Não faço falta. Depois da embaixada épica dos dois heróis (1) ides receber a do Chefe do Estado, eloquente e venerando vulto de Patriota (2). Nobres figuras do Exército, da armada e das letras o acompanham. E aí o espera, porque aí vive, o introdutor e organizador ilustre da grande História da Colonização Brasileira de Portugal (3).

Dentro de alguns dias, no centenário majestoso da vossa Independência, celebrarão as duas pátrias a eterna festa do seu amor, que é a graça divina da sua imortalidade. O meu coração, com asas, lá irá.

Estou exausto e não posso responder condignamente à vossa bela mensagem, que é o galardão mais alto da minha vida. Perdoai-me.

Com indelével reconhecimento, vosso confrade e amigo

Guerra Junqueiro.

(1) Os comandantes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

(2) O sr. Antônio José de Almeida, então presidente da República.

(3) O sr. Carlos Malheiros Dias.

SOCIEDADE ANÔNIMA AMOR,

AVENTURA & CIA.

O cinema é uma arte, mas... Vou contar um pequeno caso de que fui testemunha há algum tempo.

Num estúdio cinematográfico estava tudo pronto para se "tomar" uma cena quando o diretor observou que certo tapete exigido pelo manuscrito contrastava de maneira terrível com a decoração do ambiente. Um dos assistentes foi logo destacado para comprar outro tapete mais adequado. E como a cena não podia ser tomada sem ele, o trabalho foi suspenso. A demora se prolongou um pouco. Quando o assistente chegou com o tapete, um dos auxiliares se lembrou de calcular a despesa feita com aquele atraso. Tanto para o tapete, tanto para o automóvel, tanto para o pagamento dos atores naquela meia hora de repouso forçado, tanto para isso, tanto para aquilo, e o tapete que valia exatamente 95 libras custaria no balanço do filme 2.176 libras.

Eis o que eu queria dizer no princípio: o cinema é uma arte, mas uma arte em que uma simples distração pode custar a insignificância de 2.176 libras.

Quando as distrações custam tão caro, é natural que se procure evitá-las. Por isso, ao invés de deixar que o cineasta divague, como o poeta ou o pintor, no segrêdo de um gabinete ou à beira do prato favorito, cerca-se o seu trabalho de um grande número de precauções. Para dizer melhor, enquadra-se a criação cinematográfica em uma verdadeira organização industrial.

Em sentido figurado, um estabelecimento cinematográfico não diverge muito de uma fábrica de tecidos ou de automóveis. Do relógio de controle da portaria ao programa que os chefes de seção distribuem para o trabalho diário, tudo é organizado para uma produção combinada, útil, eficiente, em que a energia do homem deve ser administrada e dirigida como a do dínamo. Tanto mais que o aparelhamento é delicado e complexo, requer mão de obra especialíssima, determinadas espécies de manutenção e de repouso, e deve também funcionar por um mínimo de horas diárias para produzir esforço lucrativo.

Como nas outras indústrias o mecanismo cinematográfico elabora uma certa matéria prima adquirida por determinada soma, que é vendida depois de várias fases de manipulação. E como em todas as outras, a indústria cinematográfica considera lucro a diferença entre o preço de custo e o preço de venda. Naturalmente a coordenação das inúmeras espécies de despesas e receitas, exige uma vasta base de cálculo.

A Celline, para o molde do "Perseu", bastou uma soma de seis colunas; a despesa para a armação, as cento e cinquenta libras de ferro, o pagamento dos aju-

dantes, as três pilhas de lenha e os vinte e dois pratos de estanho. O orçamento de um filme, mesmo modesto, muito mais modesto do que o "Perseu", pode ocupar trinta parcelas apenas no que se refere à confecção.

Já se formou uma verdadeira e apropriada mentalidade comercial cinematográfica que possui os seus teóricos e os seus tratadistas. Trabalho penoso o dos encarregados de tal serviço, pela dificuldade tremenda em cinema de distinguir as despesas diretas das despesas

De FILIPPO SACCHI

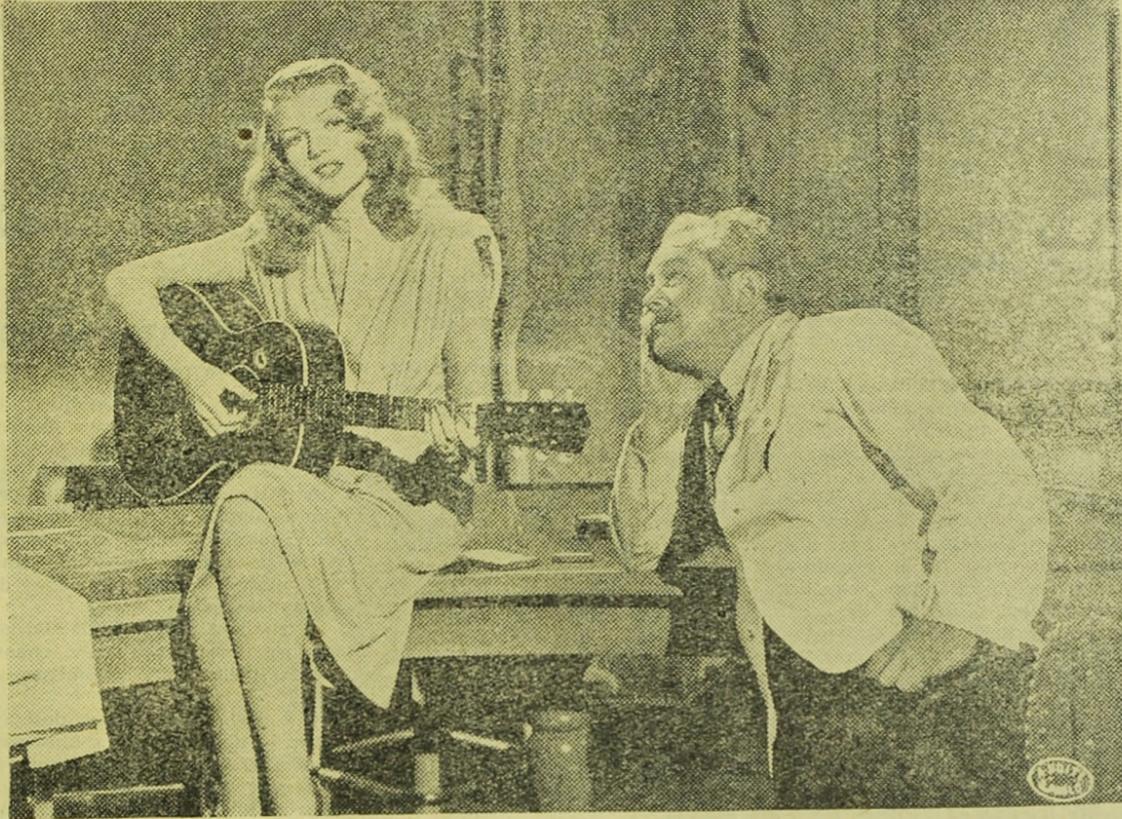
para orientá-lo, no último instante segundo o gosto do público.

Não deve ser pois, de estranhar, a pergunta: "Que filmes teremos este ano?" Isso porque, assim como usamos roupas de fundo escuro e vemos filmes de grande espetáculo, poderemos também usar tecidos claros e assistir a filmes de "far-west".

Desta maneira, tecnicamente o cinema é uma indústria semelhan-

outas cenas que estão sendo "tomadas" naquele momento em todos os outros estabelecimentos do mundo, em todo o amor, ódio, dor e beleza, que outros homens de "macacão" ou de "pullower" estão gravando nas películas. E não posso deixar de perguntar: não chegaremos um dia a vender em vidros ou caixinhas, o riso e o pranto, o medo e a audácia?... Não será um pouco desse comércio absurdo o que fazemos com o cinema?...

Quantas vezes assistindo um



Rita Hayworth fez do filme "Gilda" um de seus melhores trabalhos. Venceu porque, além de uma vocação artística perfeita, possui um corpo escultural invejável

indiretas, de determinar em um grande número de casos o efetivo valor financeiro da "estrêla", ou de calcular com precisão a depreciação do filme. Mesmo na sua parte comercial a produção cinematográfica é tão complexa quanto na parte industrial.

Em cada princípio de temporada as grandes casas preparam o seu mostruário. O sistema de procurar nas novidades e nas alterações do gosto, um estilo para a venda, faz com que haja no cinema, como vestuário, "a moda". Essa exigência é tão importante que algumas casas adotam a política de deixar sem conclusão uma quarta parte do programa anual,

te a todas as outras. A única diferença consiste na matéria prima.

Com o desenvolvimento do comércio e o progresso das invenções, todas as coisas passaram a sofrer as modificações ou os aperfeiçoamentos que a máquina lhes imprime. Só a emoção humana permanece imune. Com o cinema alcançamos isso que parecia impossível: manufaturar as nossas próprias paixões como o fazemos com tantas outras utilidades da vida.

Depois de ter encontrado o modo de conservar sem prejuízo o salmão e a manteiga, descobrimos o meio de guardar por tempo indeterminado as mercadorias mais leves e efêmeras da terra: o sorriso que ilumina o azul de uma pupila, a ruga que encrespa o ângulo da boca, a lágrima que corre pela face. E além de conservá-las, tornamo-las ainda facilmente portáteis, o que é um dos principais requisitos do mercantilismo moderno. Toda a essência do comércio atual repousa nisso: fabricar o produto de maneira a poder vendê-lo no mercado que pagar mais.

Lembro-me de que uma vez, na Nova Zelândia, comi numa fábrica de conservas, carne enlatada trinta anos antes. E os mesmos homens que pescam o bacalhau em Terranova para vendê-lo em Veneza, que embarcam o "brodo" na Argentina para ser servido no caldo em Viena, fazem coisa muito melhor: enlatam todos os dias certa dose de paixões, de fantasias, de sentimentos, que será consumida dentro de alguns meses num lugar muito distante, em Singapura ou no México.

Tudo isso é muito interessante, mas que efeito produzirá em nosso espírito?

Algumas vezes quando entro em um estúdio e encontro, em meio ao ritual das filmagens, uma "tomada" de cena, penso em todas as

filme encontramos um trecho de nós mesmos, de nossa alma e de nossos anseios, aqui e ali?

E quantas vezes também encontramos nos filmes a desesperada saciedade da coisa repetida, a saturação do lugar-comum, o enganoso sabor das velharias?

Uma das coisas que mais impressionam quando se vai assistir às filmagens é o grande otimismo de todos. O representante do produtor que nos vem receber, declara que aquele é o assunto mais delicioso que já se imaginou. A encenação é uma maravilha de vivacidade, de colorido, de graça; o diálogo é nervoso, fresco, leve e

divertidíssimo; a música é um encanto de harmonia e de movimento. E tudo está realizado magnificamente.

O diretor de produção está radiante; o diretor artístico exulta; o operador parece entusiasmado. A primeira atriz afirma que encontrou afinal o seu papel. A camareira confirma e acrescenta como se fosse um grande segrêdo, que aquela é a melhor oportunidade para a "estrêla". O galã pontua tudo isso com um sorriso cheio de intenções e fala com calor de tudo o que poderá fazer naquelas condições.

Os ensaios começam. E as cenas são repetidas uma, duas, três vezes, até que o diretor fique satisfeito. Vem então a ordem de silêncio e o grito de "câmera!"

A máquina entra em ação. E se repararmos bem, poderemos verificar que tudo mudou de repente. Ninguém mais sorri. Assistentes, visitantes, eletricitistas, todos parecem petrificados, sustendo a própria respiração. O carpinteiro que pregava um telão, suspende o martelo no ar; a segunda atriz interrompe o "maquillage"; os comparsas se imobilizam.

Que aconteceu?... Apenas isso: a objetiva e o microfone entraram em fusão e através dessa divindade invisível constituída por esse ouvido que não falha e por esse olho que tudo vê, vai passar todo aquele mundo complexo e diverso. Nessa força obscura, nessa entidade físico-química, poucos conseguem penetrar, mas nenhum como senhor absoluto. O homem que puder afirmar antecipadamente, mas sem erro, o que é e o que não é "cinematográfico", terá uma fortuna a seus pés.

O segrêdo porém, não foi ainda descoberto. Vago, caprichoso, impalpável, o nigromântico gênio do cinema conserva oculto o mistério da tela. É ele que julga sem apêlo se um rosto é fotogênico, se uma voz é "grafônica". As mais belas mulheres do mundo têm que esperar o seu julgamento. Os mais famosos diretores já se inclinaram ao poder absoluto desse julgamento, fazendo e refazendo por vezes cenas inteiras prejudicadas por um detalhe julgado sem importância. E muitos deles entram na prova de projeção receiosos de tudo o que vai ser ali revelado aos seus olhos e aos seus ouvidos pelo olho e pelo ouvido do cinema.

Só por esses motivos o cinema merece ser visitado. Porque é mais alguma coisa além de indústria: é mistério. Porque a máquina está ao serviço da emoção e o cálculo ótico ao serviço de um sorriso de mulher. Porque cada metro de película é uma aventura e cada giro da manivela uma esperança. Mistério feito de ciência e de audácia, como o vôo dos aeroplanos. É um risco matemático como o de uma ascensão à estratofera.

As moscas não gostam da cor azul

(Dr. CHARLES FLESSINGER)

Pouco importa saber se as moscas possuem ou não qualquer senso artístico; o importante é observar que elas parecem não gostar da cor azul. Isso é de interesse imediato para todos aqueles que compreendem o perigo que representam esses insetos para a boa saúde.

Viajando pela França, o sr. G. B. J. Athoe, arquiteto inglês, observou que as paredes da maior parte dos hospitais e clínicas franceses eram pintadas de azul, com o fim de afastar as moscas. Tanto os arquitetos como os médicos eram partidários da teoria de que uma coloração azul repele as moscas, podendo ser esse um processo de impedir a sua entrada nos quartos dos doentes.

Verificou ainda o sr. Athoe que os açougues e fábricas, construídas na Dinamarca, ostentavam o interior pintado de azul brilhante, com o mesmo fim e teve ocasião de comprovar a eficácia do processo na cozinha de sua própria casa.

Há alguns anos, um francês efetuou uma série de experiências para descobrir as diferentes preferências das moscas, em relação às cores, empregando uma caixa cujas paredes cobriu de pequenos quadrados de papel, diversamente coloridos. As observações demoraram grande espaço de tempo e a caixa foi colocada em diferentes posições, a fim de evitar algumas causas de erro. Após vários dias, a contagem das moscas, no interior da caixa, mostrava que 18 haviam escolhido para pousar, o papel de cor verde. A seguir, o maior número era aquele que se havia fixado no amarelo claro, no azul e no vermelho claro, consoante esta ordem. Encontrou-se apenas um inseto no azul ultramar. Mas não se tirou qualquer conclusão porque é que as moscas escolham o azul e evitavam o azul ultramar.

Em resultado de suas investigações, o sr. Athoe descobriu que a cor azul brilhante das paredes e dos tetos parecia ser eficiente para afastar as moscas.

UM ANEL DE NAPOLEÃO

Segundo declarações de Bourguignon, conservador dos museus napoleônicos de França, o anel da coroação do Imperador Napoleão I, que todo o mundo acreditava perdido, foi encontrado. Esse anel constituirá, sem dúvida, a peça mais preciosa da sala da consagração do museu de Malmaison, onde já há tantas relíquias do grande Imperador. A história desse anel é de veras interessante. No dia de sua coroação, Napoleão pôs no dedo um anel ornado com uma esplêndida esmeralda onde se viam gravadas as armas do Sagrado Império Romano Alemão. Em 1814 a jóia, que o Imperador usava pouco, desapareceu misteriosamente, assim como desapareceram todos os documentos oficiais que a ela se referiam: descrições, inventários e até a conta do joalheiro de Napoleão, que se encarregara de montá-la.

Que teria ocorrido com o anel? Levado provavelmente por Maria Luisa, depois da queda do Império, passou com certeza às mãos dos membros da casa d'Áustria.

Em todo o caso ninguém ouviu mais falar na jóia. Nestes últimos anos um colecionador francês, Lucien Baszanger soube que o anel se encontrava em Viena e que seu proprietário não punha embargos em cedê-lo, com a condição que se conservasse discreção. E assim, a esmeralda imperial voltou para a França, tendo sido guardado em segrêdo o nome do proprietário austríaco que a cedeu.

NO CONSULTÓRIO DO MÉDICO

Entra um homem alto, enorme, robusto, que mais parece um monumento do que uma criatura humana.

— Oh! — exclama o médico, surpreendido. — Que é que o senhor tem?

— Perdi o apetite.
— Oh, demônio... Só tenho pena do desgraçado que o encontrou.



PEQÜ-LHE desculpas, senhorita, mas acho-a jovem demais para ocupar o lugar de minha dactilógrafa — disse Eric Ransome, girando a cadeira da secretária e observando as feições da moça que estava sentada num canto do escritório. — Por certo, há de compreender que necessito de uma dactilógrafa experimental, e já me vi obrigado a despedir cinco pela mesma razão que agora aponto e, note-se, duas já tinham sido empregadas de advogados.

— Mas não sou tão jovem como pareço — respondeu a jovem com um ar suave, onde havia certa timidez.

— Que idade tem?... Dezesseis ou mais?

— Fiz dezessete anos no mês de agosto.

Ele viu-lhe a pálpebra esquerda tremer de um modo engraçado e feteu que ela se pusesse a chorar.

— Ah! a senhorita viu que não me enganei — disse ele num tom que certa apreensão tornava mais ríspido do que desejava. — Mais uma vez repito, minha jovem, preciso de uma dactilógrafa capaz de stenografar com inteligência e rapidez, e transcrever em seguida, sem cometer mais de meia dúzia de erros ortográficos em cada folha.

— Senhor Ransome, eu estou nessas condições — disse a moça com um risinho de satisfação que o tranquilizou. — Caso o senhor queira, poderemos experimentar.

Ransome, com um suspiro de quem está com a razão, passou-lhe, a contragosto, um bloco, e tomando um jornal, pôs-se a ditar um artigo ao acaso.

— Senhor Ransome, queira ter a bondade de ler um pouco mais depressa.

A medida que ele apressava o ditado, a mão flexível e ágil da moça voava sobre as folhas. Quando ele terminou, a jovem dirigiu-se à máquina de escrever, examinou-a com ar de entendida e, colocando uma folha de papel no cilindro, pôs-se a trabalhar.

Durante alguns minutos, ouviu-se o clic-clic ininterrupto da máquina, comparável ao ruído que faz um garoto correndo um pau num gradil.

O jovem advogado contemplava estupefacto. Estava maravilhado com tanta destreza, e mais ainda ficou quando lhe foi apresentada uma folha sem o menor erro.

— É assombroso! Estupendo!

— Talvez agora eu sirva, não é, senhor Ransome? — perguntou ela com a mesma voz doce. O ordenado que pretendia não é elevado.

Na verdade, disse um preço tão baixo, que Ransome ficou espantado.

— Ah! por que não veio mais cedo, senhorita? Há quanto tempo procuro uma secretária assim...

Ele só pôde felicitar-se pela escolha feita. Não somente Alice Vickers se mostrava secretária ideal e zelosa, mas ainda dava sinais de inteligência notável para uma jovem de sua idade.

Certa vez em que ele teve de atender um negócio fora com urgência, encarregou-a de comunicar uma decisão qualquer ao velho Adam Tracey, o melhor de seus clientes, que dirigia uma casa bancária no rez do chão do prédio de que Ransome ocupava o primeiro andar. As indicações que ela forneceu ao velho banqueiro foram tão claras e precisas que o homenzinho ficou assombrado.

— Tendês uma secretária positivamente notável — disse ele a Eric Ransome, logo ao encontrá-lo na manhã seguinte ao pé da escada. — E bonita como os amores — ajuntou com malícia.

O jovem advogado corou ligeiramente e mordeu os lábios.

— Disses-te a verdade; ela é bonita, inteligente e essencialmente honesta — replicou ele, acentuando o último qualificativo.

— Bem, bem! — protestou o outro, rindo. — Por certo não vos ides aborrecer pelos elogios de um homem de minha idade. Podeis estar tranquilo, não tenho intenção de vô-la roubar. Deixai-me, porém, fazer uma perguntazinha? Quando é o casamento? — E, batendo familiarmente no ombro do jovem, desapareceu pela porta do banco, sem esperar a resposta.

— Velho idiota! — murmurou Eric, entrando em seu gabinete.

Dizendo isto, sentiu, porém, o coração bater-lhe de um modo fora do comum e, no íntimo, percebeu que dia a dia se ligava mais à sua dactilógrafa e que ela deixaria um grande vácuo se viesse a deixá-la.

Ele abriu a porta do gabinete e entrou. Alice, sempre deliciosamente fresca, acolheu-o com um sorriso tímido.

— "Por Júpiter! — pensou ele — é a mais linda noivinha que eu poderia encontrar".

— Está com um ar zangado, Alice. Você se deita tarde ou será esse romance?

— Só me restam dois capítulos para terminar o livro — respondeu a jovem. — Será a minha maior alegria. Se o senhor me permitisse trabalhar aqui à noite, eu lhe ficaria muito grata.

— Mas ainda não me disse o nome do autor...

Alice sacudiu a cabeça, rindo. — Se eu cometesse tal indiscreção, o senhor perderia toda a confiança em mim.

— Quer que lhe diga o que penso? — ameaçou ele com o dedo.

— Pois bem! Estou convencido que o autor é você e espero que me faça a surpresa de me oferecer um exemplar com dedicatória.

Alice pareceu querer fazer-lhe um pedido, mas mudou de parecer.

— Um pouco mais de paciência até que seja publicado — respondeu ela — e agora... o senhor sabe que para o contrato hipotecário do senhor M...

E lançou-se ao trabalho.

Ransome mostrou-se durante todo o dia silencioso e preocupado. Tinha uma petição muito complicada a apresentar ao juiz e reunia todas as suas faculdades para fazer um trabalho consciencioso. Entretanto, quando a leu no tribunal, estava tão distraído que não via nem juiz, nem seu cliente, nem testemunhas, nem coisa alguma. Seu pensamento voava para um

pelo braço e o levou ao seu escritório.

— Acabam de roubar-me — disse com um estrangulamento na voz. — Malfetores introduziram-se, esta noite, no banco e despojaram meu cofre-forte, no qual estavam sete mil libras em dinheiro e eu não sei quanto em títulos.

— Roubado? — repetiu o advogado — estupefacto.

— Sim, roubado — gemeu o velho banqueiro. — Estou arruinado, completamente arruinado... Vinde ver com os vossos olhos...

E levou Ransome para os fundos da sala onde se achava um cofre-forte maciço.

Adam Tracey tinha por princípio que, para um cofre estar ao

— Com a maior boa vontade — aquiesceu, rápido, Ransome. — Segui-me, inspetor.

— Há alguém mais que trabalha em vosso escritório?

— Não, isto é, apenas minha pequena dactilógrafa, que me serve de secretária.

— Ah! sim? Muito bem, sou capaz de apostar que ela aqui esteve alguma noite destas — replicou o inspetor.

Quando eles entravam na sala, Alice que estava ocupada em copiar algumas minutas, levantou a cabecinha linda e sorriu amavelmente. Ransome respondeu-lhe do mesmo modo, com um sinal de cabeça amigável. O detective, lançando apenas um olhar para a mo-

ça, correu para a sala contígua, que era o escritório particular do advogado.

Ali chegou, abaixou-se e suspendeu parte do espesso tapete que cobria a quase totalidade do piso.

— Aqui está o que eu pensava — declarou.

Abaixou-se uma segunda vez e tirou alguns pedaços cortados do soalho e olhou pelo buraco que acabava de fazer.

Eric Ransome, inclinado sobre Brinks, viu-o estender o braço, tomar um pequeno anel de cobre e suspender um alçaço dissimulado no teto de carvalho.

O cofre ficava justamente em baixo.

— Bem me pareceu que o fórrô estava cortado — exclamou triunfalmente o detective. — Agora percebo claramente a manobra.

Com a ajuda de chaves falsas, ele se introduzia todas as noites aqui; deixava-se escorregar por uma corda presa ao gancho que aqui vêdes, ligava à corrente a broca elétrica, por meio de um fio longo que dava em uma de vossas lâmpadas e, assim, agia tranquilamente. Ah! podeis acreditar que o velhaco sabe trabalhar.

— Nesse caso, ele pode se gloriar de ter tido muita sorte, porque minha secretária fica aqui até tarde, para executar trabalhos pessoais, para o que pediu a minha autorização. Meu Deus! Como é horrível! Coitada da senhorita Vickers! Ela poderia ter sido assassinada, a pobre pequena.

— Como? Que dizeis? — exclamou o detective, apurando o ouvido. — Ela fica aqui até tarde da noite? Oh! Então preciso interrogá-la. Certamente poderá fornecer alguns esclarecimentos.

Ransome deteve-o pelo braço.

— Peço-vos que não a molesteis. Ela...

Ransome já estava com a língua suspensa para dizer que ia em breve torná-la sua esposa, mas conteve-se a tempo.

— Ela é excessivamente tímida — concluiu.

— Está bem, está bem — concordou Brinks. — Não vos preocupeis, não vou amedrontá-la.

— Alice — explicou o advogado, entrando na sala onde trabalhava a dactilógrafa — apresentando-lhe o inspetor Brinks que deseja fazer-lhe algumas perguntas.

A jovem levantou a cabeça e Ransome viu sua pálpebra mexer-se do modo que ele conhecia tão bem.

Virando-se inquieto para Brinks, ele percebeu seu assombro. O detective estava atônito, boquiaberto, os olhos saltando das órbitas. Um segundo depois, ele se abaixou um pouco como quem prepara um salto.

Então, subitamente, um braço delicado saindo de uma manga de seda branca se estendeu para ele; um curto cano de aço brilhou entre seus dedos bem tratados; uma detonação reboou pela casa toda e, enquanto Eric Ransome aparava em seus braços o detective que caía, Alice Vickers, com agilidade felina, escapuliu pela porta que bateu e fechou por fora.

Aniquilado e horrorizado pelo drama imprevisível e rápido que

[Conclui na sexta página]

A dactilógrafa

pequeno apartamento elegante-abrigo de quaisquer riscos, devia ficar em plena rua e, como isso não era possível, em lugar onde pudesse ser visto da rua pelos vidros da frente. Assim, o grande armário de aço, em vez de estar imbutido na parede, como se faz

Quando abriu a porta do escritório achou-o vazio.

Inquietação e impaciência puseram-no muito nervoso.

— De onde vem, Alice? — perguntou sêcamente, quando, afinal, a jovem apareceu na soleira da porta.

— Lá de baixo simplesmente — respondeu, rindo, a dactilógrafa, que estava mais radiosa que nunca. — Tive precisão de alguns esclarecimentos a respeito daquela petição do senhor Tracey; como o senhor não estava, fui eu mesma pedi-los. É um bom velhinho este Adam Tracey. Sabe? Ele ofereceu-me uma ótima oportunidade de melhorar de posição. Imagine que me propôs o lugar de secretária particular com o dobro do meu ordenado atual.

— E com certeza aceitou? — interrogou, trêmulo de emoção, o advogado.

— Não — respondeu a dactilógrafa docemente. — Disse-lhe que não pensava em abandonar meu atual emprêgo.

Eric Ransome lançou-se para ela e tomou-lhe as mãos.

— Alice — murmurou apaixonado — quero que faça mais ainda. Desejo que me certifique que nunca mais me deixará. Quer ser minha esposa?

E, enquanto esperava com ansiedade a resposta, o jovem viu novamente tremer de modo estranho a pálpebra esquerda da jovem, como no primeiro dia em que a viu. Ele sabia, agora, que isso era nela um índice de grande emoção ou de grande inquietação.

— Não sei o que devo responder — murmurou Alice.

— Um "sim" — insistiu o moço, cada vez mais terno. — Você não me ama um pouquinho? Não quer ligar seu futuro ao meu?...

— Mais devagar, mais devagar — protestou nervosamente a jovem. — Assim desprevenida, não lhe posso responder. Dê-me ao menos tempo para refletir. Não sei ainda, eu... Escute, falaremos amanhã e direi o que resolvi. E, tomando o chá, saiu apressada.

No resto daquele dia, ele repetiu incessantemente: "É a mais deliciosa, a mais encantadora e a melhor jovem que eu podia encontrar".

Quando Ransome chegou na manhã seguinte ao prédio onde tinha seu escritório, surpreendeu-se por ver diante da casa um pequeno grupo de basbaques, alguns dos quais amassavam o nariz contra os vidros da frente da casa bancária, para melhor verem o que se passava no interior.

Um policial, de sentinela à porta, tentou opôr-se à sua entrada, mas, informado de que Ransome era o locatário do prédio, deixou-o passar.

O jovem advogado perguntava-se qual seria a causa de tal aglomeração, quando o velho Tracey, muito pálido e trêmulo, tomou-o

O FANTASMA DOS GELOS

[Conclusão da quinta página] de homem, arrastado ao acaso pelas correntes do mar Ártico.

O vento soprava sobre o mar gelado e triste...

— Este homem foi assassinado — disse Eric, ao levantar a mão e vendo-a manchada de sangue. Feriram-no pelas costas...

Rief acendeu um fósforo e ia aproximá-lo, mas o vento apagou-o. A claridade da aurora mal iluminava as manchas de sangue sobre a neve. Falou para os companheiros:

— Preparem os rifles, não vamos encontrar unicamente mortos, a bordo do "Santo Diabo".

— Será o "Santo Diabo"? — Este homem era o velho Dan McCoy, o comandante do barco e o tiro que ouvimos é que o matou. Alguém o teve prisioneiro a bordo e atirou-lhe à traição, quando ele se evadiu.

Norg e Eric correram ao trenó para preparar as armas, esquecidos dos temores supersticiosos e prontos para lutar, mercê da educação aprendida naquela incessante luta pela vida, em que todas as decisões têm que ser tomadas num abrir e fechar de olhos.

Rief sorriu e traçou um plano. Além, nas trevas, estava o barco "Santo Diabo", em poder de homens desesperados e sedentos de sangue, que lutariam até a morte.

O marfim ártico que atopetava os porões do "Santo Diabo", valia o resgate de um rei.

Os piratas de outros tempos teriam entoado os seus cantos profanos, vagando sobre o ensanguentado convés...

Entre os tripulantes dos navios mercantes do Norte, há alguns que têm em si ressaibos das épocas de sangue e ferro, com caveiras e tibias cruzadas como símbolo para combater nos sete mares.

Encerrados na solidão do grande círculo ártico, onde não há lei de Deus ou homem que possa intervir e com um tesouro de marfim debaixo dos pés, estes renegados do castelo de prôa tinham-se transformado em piratas.

Lomen compreendeu a situação difícil que, com os seus dois companheiros, tinha de enfrentar.

Outros homens que haviam procurado averiguar qualquer coisa acerca do "Santo Diabo" foram mortos a sangue frio. Para aqueles foragidos do Pólo, a vida alheia não contava.

Uma luta de vida e de morte esperava-os além, na noite ártica, mas não se podia pensar em retroceder.

Aqueles homens dos mares nórdicos não têm Deus e poucas leis morais os detêm, mas, essas poucas estão fundamentalmente ligadas à sua vida.

O código do gelo determina que nenhum homem deve ser abandonado sobre os bancos polares.

O degelo tomava grandes proporções, abrindo caminho até à terra firme. O vento que soprava cada vez mais forte, atirava os blocos, uns contra os outros, partindo-os e tornando-os mais aptos para a fusão...

— Se este vento continua — respondeu Norg — amanhã será um inferno.

— Os rifles também vão fazer o seu diabólico ruído, ainda hoje — comentou Rief.

— Lá está o navio — disse Eric.

— Sigam-me, rapazes, e não façam barulho. Temos que apanhá-los de surpresa ou teremos o mesmo fim dos homens do "Baileen" ou do "Lizien Gardner".

Os três homens subiram à crista de um montículo que dominava o barco e viram que, no topo da escada que conduzia ao camarote dos tripulantes, vacilava a luz de uma lanterna.

Um brando rumor de vozes veio até eles.

— Se nudessemos surpreendê-los do castelo de prôa era bom — explicou Lomen. — O que precisamos é fechar a escotilha sobre eles e ficarão numa ratoeira.

— Que pensa fazer deles, depois de encerrados — interrogou Eric. — O próprio diabo não poderia descer ao castelo de prôa, e sair de lá com vida.

— Poderíamos acender a caldeira e fazê-los sair com a mangueira.

— Teremos de correr esse risco — aprovou Eric.

— Preparem-se, então. Quando um destes penhascos começar a ruir, deslizaremos pela sua inclinação, sem que nos ouçam.

O ruído das balsas que se entrecrocavam principiara a ouvir-se ao longe e depois, aproximando-se, aumentou consideravelmente.

O capitão pulou para a borda do montículo e baixou, patinando pelo declive gelado, seguido pelos dois finlandeses.

Chegaram bem perto do navio e ficaram à espera de uma oportunidade para subir a bordo.

Nesse instante, abriu-se a porta do camarote do comandante e no quarto de luz desenhou-se uma alentada figura de homem.

Eric suspirou nervosamente e apertou com força o braço de Rief, murmurando-lhe quase no ouvido:

— Parece ser este o novo capitão do "Santo Diabo".

— É Wingard, o Colorado, é um revoltoso por natureza.

— Penso que ali houve revolta ou coisa semelhante.

Wingard fechou a porta do camarote e as suas passadas fortes ouviam-se muito bem. Um momento depois, apareceu um vulto escuro que desceu a escada que dava para os camarotes da tripulação.

— Agora é a nossa oportunidade — disse Rief. — Subirei a bordo para fechar a escotilha e vocês chegarão para me ajudar, pois as verdadeiras dificuldades irão começar.

Lomen arrastou-se lentamente até ao barco. Um ruído de vozes contrariadas, saía do castelo de prôa; passava-se qualquer coisa de anormal.

Agarrou-se a um cabo e com precaução, marinhou para o convés.

Os piratas do "Santo Diabo" teriam na sua festa um hóspede com que não contavam.

Um bloco de gelo que passou deslizando à tona da água abafou a sua atoarda, o crescente tumulto que chegava do quartel da tripulação.

Rief Lomen deslizou pela ponte e, apesar de naufrago, mantinha o espírito dominador, de combatente que lavrava o seu próprio destino...

Antes de descer a tampa da escotilha, olhou curiosamente para baixo e na parte mal iluminada, que os seus olhos descortinavam, viu um espetáculo que o aterrou.

Amarrado a um dos pilares estava um homem, cuja camisa tinha sido arrancada e que mostrava fundas marcas sangrentas de chicotadas recebidas no tronco nu.

Uma figura de tamanho bestial apareceu no círculo de luz: era Wingard, o Colorado, terror do castelo de prôa. Empunhava um chicote chamado gato de nove rabos, por causa dos pedaços de chumbo que tinha em cada uma das tiras de couro.

Wingard, o Colorado, levantou o braço para bater no homem que estava atado e que voltou a cabeça, horrorizado.

Os maxilares de Rief cerraram-se como uma ratoeira de aço. A vítima era Andy Murdoch, o engenheiro-maquinhista do navio.

O braço do carrasco moveu-se e as pontas de chumbo sibilaram no ar o seu triste canto de tortura.

Rief desceu, gritando e arrumou um tão forte direito nos queixos do agressor, atirando sobre ele o peso do seu corpo...

O golpe fez voltar o Colorado sobre si mesmo e o chicote, errando o alvo, foi bater na cara de um marinheiro que estava sentado em uma tarimba, a contemplar o espetáculo.

Um grito de dor do homem assim ferido, e um momento após, o castelo de prôa do velho barco era uma casa de doidos furiosos.

Wingard cambaleou, indo esbarrar num pilar, e deixou cair o chicote: um novo murro e foi estalar-se mais longe.

Rief tirou a faca, cortou as cordas que prendiam o seu amigo, mas antes que pudesse terminar esse trabalho, os piratas vieram-lhe em cima.

Às cabeçadas, socos e pontapés procurava repelir os inimigos que lhe batiam forte e feio. Porém, os seus punhos de ferro abatiam-se nos rostos barbudos, fazendo esparramar o sangue ou atirando alguns por terra.

Um cano de revólver brilhou na escuridão... era o traíçoeiro Wingard que, agachado sobre uma das tarimbas, procurava o alvo.

Ouviu-se um tiro, em meio da refrega.

Não era a primeira vez que Lomen tinha descido ao castelo de prôa e dominado motins, sozinho.

O derrotado, qualquer que fosse, pagaria com a vida o desaire.

Neste ardente inferno no "Santo Diabo", as almas dos homens tinham voltado ao reinado do bruto. O único pensamento era vencer... e viver.

Gritos de raiva, rumor de corpos que se chocam...

Rief sentiu que ia perdendo as forças...

Lutara com demasiada fúria... Alguma coisa lhe dizia que a sorte lhe virava as costas...

Bateu à direita e à esquerda, mas as pancadas já não tinham o vigor do princípio...

Os assassinos soltaram gritos de satisfação e apertaram o cerco, encerrando Rief...

Bateu contra um pilar e tropeçou num rôlo de cordas. Lembrou-se de que Andy Murdoch podia ter-se livrado das cordas e que, decerto, estaria no meio da pelega diabólica, combatendo com o sempre o fêz, enquanto as forças não o abandonassem.

Com esse pensamento, ganhou forças e desejou esmagar os foragidos...

Atirou-se contra eles e a turba, enlouquecida, cedeu terreno. A sua voz tronitante dominava o tumulto, em gritos de vitória!

Surgiu Wingard, de faca em punho que, qual gigante, se lançou sobre Rief, fazendo brilhar o ferro homicida.

Rief agarrou-lhe o pulso e forçando-o, virou-lho para o peito, forçando para o ferir...

A chusma do castelo de proa formigava à volta de Rief, prodigalizando-lhe pancadas formidáveis.

Rief sentiu que ia perder os sentidos e que os joelhos se lhe vergavam... Era o fim que chegava... Um momento mais, e as mãos cederiam e a folha afiada da faca entraria nas suas carnes...

Algo saltou em cima deles, vindo da sombra. Rief sentiu-se levantado e os dois homens entrelaçados rolaram por terra...

Um horrível grito de morte saiu dos lábios de Wingard, ao sentir o ferro entrar-lhe no corpo, em virtude da queda.

Rief ergueu-se. Estava decidido a lutar, enquanto tivesse vida.

Bateu rijo numa forma que lhe passou ao alcance, mas o outro golpe já não encontrou onde bater.

Os assassinos cediam terreno e por cima deles ouviam-se as pragas dos dois finlandeses, os quais tinham chegado a tempo.

Cessou a barrafunda infernal. Só se ouviam queixumes dos homens machucados e feridos na refrega.

Os dois finlandeses enchiam de terror os que estavam de pé, amarrando os seus prisioneiros com os nós de marinheiros tão difíceis de desatar.

Rief Lomen teve de se encostar a uma tarimba para não cair; andava-lhe tudo à roda...

Fora, o rumor dos "ice-bergs" na sua marcha, quebrando-se, era assustador.

A voz rouca de Andy Murdoch, do alto da escotilha, gritou a novidade:

— O gelo desfaz-se, abre-nos caminho... quem me ajuda para levantar pressão?...

Lomen ganhou forças, correu para a escada, dando ordem ao finlandês:

— Atira esses tipos para dentro da carvoeira e atarrache bem a tampa. Depois, venha receber ordens. Temos que nos encher se queremos tirar esta velha carcassa para fora dos gelos antes que se apertem de novo.

Virando-se para Andy, perguntou:

— Há alguns outros prisioneiros a bordo?

— Não. Tinham-nos presos, a mim e ao comandante, para que manobrassemos o navio para eles. Quando os bancos de gelo começaram a movimentar-se, trouxeram-nos para fora, para preparar a pressão da máquina. McCoy fugiu, mas atiraram-lhe pelas costas e a mim você viu como me tratavam.

Um amanhecer cinzento e tormentoso apareceu pelo Este.

Rief Lomen deu volta à roda do leme para estibordo, a fim de evitar um enorme penhasco de gelo que se lhe apresentava diante.

Minutos depois, Eric veio tomar o posto de vigia, no alto da ponte.

— Água livre, para a frente!

Logo após, o corpulento finlandês Norg chegou e tomou conta da roda do leme e disse:

— Ocupar-me-ei da manobra; vá o senhor preparar alguma coisa para comer...

— Que demônio pensa você que eu sou? — riu-se Rief — dando-me ordens como a qualquer grumete?

Há duas coisas que sempre quis fazer, disse gravemente o finlandês: economizar bastante dinheiro para comprar um barco... e ter uma manhã, um comandante para me preparar o almoço. Lomen olhou detidamente o robusto rapaz de Helsingsfors.

Estes homens da Finlândia têm idéias estranhas, mas, desta vez, mereceria que se lhe fizesse a vontade.

— Preparei os alimentos, unicamente para lhe ser agradável — disse Rief. — E quanto, ao assunto de compra do barco... quando receber o seu quinhão pelo salvamento da carga, parece-me que pode comprar um navio de guerra se lhe apetece.

O capitão dirigiu-se à cozinha.

Uma onda de orgulho correu-lhe pelas veias ao sentir o vai-venh da ponte, sob os seus pés. O velho "Santo Diabo" retornava dos gelos novamente e a sua armação era ainda sólida e segura.

Rief Lomen olhou na direção do Nome, por cima do mar.

O povo podia não lhe dar o apoio de "Homem felizado", como outrora; mas, ele sabia que a sua felicidade começara pouco antes...

A DACTILÓGRAFA

[Conclusão da quarta página] acabava de se desenrolar sob seus olhos. O advogado ficou imóvel, com o inspetor nos braços, não compreendendo nada e perguntando-se se não era vítima de um pesadelo.

— Estou ferido no ombro — murmurou Brinks com voz fraca — felizmente abaixei-me a tempo, sem o que seria atingido no coração.

Ouviram pesadas passadas na escada; depois alguém pôs-se a esmurrar a porta, após em vão ter girado a maçaneta. Não obtendo resposta, bateu com os punhos, gritando peremptório:

— Abri, em nome da lei!

— Está fechado por fora — respondeu Ransome, com voz tão estranha que ele próprio não a reconheceu.

Um policial, o mesmo que tentara impedir a entrada do jovem, irrompeu na sala e parou perplexo, olhando ora o rosto pálido do detective, ora as faces mais pálidas ainda do homem que o sustinha nos braços.

— Que houve? A mocinha nos disse que o patrão matara o inspetor...

Apesar de sua extrema fraqueza, Brinks explodiu numa gargalhada.

— "A mocinha!" Triplo idiota que és! Sabes quem era a "mocinha"? Não?... Muito bem! Era Dick Masters, o "Colegia"... "Dick Pisca-Pisca"... o mais esperto celerado que existe no Reino Unido. Sem o tal tique da pálpebra, nunca o teria reconhecido naquele disfarce... Corre, ordena que o persigam. Não estou em perigo imediato e, de mais a mais, este senhor vai cuidar de mim.

E, enquanto o policial descia a escada com estrondo, o inspetor, ajudado por Ransome, estendeu-se sobre um canapé.

— Então aquela criatura — perguntou o jovem que mal podia articular algumas palavras. — Então, na vossa opinião, aquela cria-

tura era... um homem?!... Não será um engano?

— Apenas a verdade — respondeu Brinks. — Tão certo como sou inspetor de primeira classe da Scotland Yard, aquela "moça" era o "Pisca-Pisca". Ah! não sois o primeiro assim logrado. Ainda no ano passado, ele se fez passar por um colegial (o que lhe valeu a alcunha) e roubou um grande estabelecimento de ensino do norte da Inglaterra, no dia seguinte ao em que tinham sido pagas as pensões dos alunos.

O advogado escutava estupefacto. — Oh! é um espertalhão de primeira — continuou o inspetor. É

CONSULTA POR CORRESPONDENCIA

— Sou casado há oito anos. Oito anos de verdadeiro martírio. Minha mulher só permite que corte a barba às segundas-feiras. Se eu pretender cortar no domingo; é porque vou em algum lugar suspeito. Só posso mudar de camisa às quintas-feiras. Acaso minha camisa se suje de tinta, sou obrigado a ficar com ela suja até o dia escalado, do contrário o pau come... Da repartição em casa eu demoro vinte minutos. Se eu me atrasar e demorar vinte e cinco, ela quer saber onde estive aqueles longos cinco minutos. Se num dia de chuva eu vou buscar a filhinha de auto na escola, é porque fui levar minha amante de auto em casa e aproveitei para ir buscar a menina. Não posso em absoluto visitar um amigo doente ou ir ao futebol. Só se fôr com ela agrada nos meus braços. No cinema não posso tirar os olhos da tela, nem que fique com o pescoço doído. Agora deu para examinar o barro do meu sapato para ver se combina com o barro do meu percurso. O que devo fazer, doutor?

Resposta — Engula uma bomba de dinamite de oito quilos, deixe o pavio de fora e... risque um fósforo...

filho de excelente família, mas degenerou. O que faz enganar todo mundo são precisamente seus modos distintos e sua maneira elegante de se exprimir: êle recebeu educação esmeradíssima.

— Que audácia! — prosseguiu um instante depois Brinks, que fôra obrigado a parar para tomar fôlego. Quando penso que êle teve o topete de vir requebrar-se aqui, esta manhã, com sua ondulação, seu pó de arroz e seu "rouge!"...

— É monstruoso! — disse Ransome, literalmente sufocado.

— Êle não corria grande risco. Abriu um buraco na vidraça dos fundos para nos lançar em falsa pista e estava seguro no seu disfarce. O que põe a perder tantos malfetores é julgar-nos muito mais ignorantes e ingênuos do que realmente o somos. É a primeira vez que êle trabalha nesta cidade e duvido que alguém dos meus homens pudesse reconhecê-lo sob aquelas roupas, mesmo se observassem o alcapão no teto, cujos sinais são quase imperceptíveis.

Ransome concordou distraído.

— O cúmulo é que êle ia matar dois coelhos com uma cajadada, atendendo que o emprêgo e a confiança que aqui gozava facilitavam-lhe mais uma tratantada.

"Pisca-Pisca" não vale grande coisa como falsificador, mas tem cúmplices que imitariam vossa assinatura tão bem que mesmo vós não o teríeis dúvida em julgá-la verdadeira. Se eu não estivesse aqui para a desmascará-lo, podeis estar certo que chegaria a vossa vez. O senhor é um homem de sorte!

— Um homem de sorte!... Sim, deve ser isso, deve ser isso... pensou irônicamente o ex-apaixonado.

— Desta vez, porém, êle não escapa — concluiu o inspetor, ouvindo seu inferior subindo a escada; pelo menos vai pegar uns catorze anos de prisão... e isso mesmo, não sei...

Neste ponto, entretanto, Brinks estava redondamente enganado, porque nunca conseguiram capturar "Dick Pisca-Pisca".

TRICÔ

BELA BLUSINHA — Trabalha-se com a parte direita e acrescentam-se na agulha para a borda dos botões 6 p. que serão trabalhados em ponto de arroz. Depois em cada carreira acrescentam-se 3 p., 2 p., 2 p., 2 p., 1 p., 1 p. e 1 p. até se completarem 27 p. em branco. Continua-se então trabalhando os 27 p. em branco juntamente com a lâ preta, que depois de feita a cava deverão ter 57 p., 30 p. em preto e 27 p. em branco e com 7 cms., nos 30 p. em preto, tecem-se 7 p. em ponto sanfona no centro, procedendo-se da seguinte maneira: do lado da cava tecem-se 12 m., 1 t., 1 m., 1 t., 1 m., 1 t., 1 m., 1 t., e 11 m. Na carreira seguinte t. sobre t., m. sobre m. Assim serão trabalhados até no fim do ombro.

Quando tiver 11 cms. em branco começa-se a gola da seguinte maneira:

Cada 2 carreiras acrescenta-se 1 p. de arroz 4 vezes.

1 carreiras e aumenta-se 1 p. (este aumento quer dizer, 2 p. no mesmo p.).

1 carreira na carreira seguinte acrescenta-se 1 p. de arroz (12 p. de arroz no total).

Nas carreiras seguintes:



Um "short" simples e de efeito surpreendente para os passeios no campo ou praia, ou, mesmo, para a prática do ciclismo

1 p. de aumento (13 p. de arroz).
2 carreiras sem alteração.
Acréscita-se 1 p. de arroz (14 p. de arroz).
1 aumento (15 p. de arroz).
Acréscita-se 1 p. de arroz (16 p. de arroz).
Acréscita-se 1 p. de arroz (17 p. de arroz).
1 aumento (18 p. de arroz).
Acréscita-se 1 p. de arroz (19 p. de arroz).

Trabalha-se somente com 10 p. da beirada para formar a 1.ª ponta da gola. Em cada fim de carreira no lado de dentro pegam-se 2 p. j. até terminarem os pontos. Com os pontos que ficaram na agulha acrescentam-se mais 10 p. e prossegue-se da seguinte forma: Acréscita-se 1 p. de arroz e aumenta-se 1 p.

Na carreira seguinte acrescenta-se 1 p. de arroz.

Na carreira seguinte, para formar a 2.ª ponta da gola, pegam-se 2 p. j. no começo, aumenta-se 1 p. e acrescenta-se 1 p. de arroz.

Nas carreiras seguintes: Acréscita-se 1 p. de arroz.

2 p. j. no começo, acrescenta-se 1 p. de arroz e aumenta-se 1 p. Acréscita-se 1 p. de arroz.

2 p. j. no começo, acrescenta-se 1 p. de arroz e aumenta-se 1 p.

Acréscita-se 1 p. de arroz, ficando 4 m. em branco.

Pegam-se 4 vezes 2 p. j. no começo.

Neste ponto começa-se a arrematar o ombro 36 p. em 6 vezes, continua-se porém pegando 2 p. j. na gola, até ficarem 17 p.

Depois de arrematado o ombro continua-se com os 17 p. Fazem-se 4 carreiras e na carreira seguinte tricotam-se 14 p. deixando-se 3 p. na agulha no lado de dentro e volta-se, depois mais 4 carreiras inteiras, etc., isto para a gola ficar arredondada. Quando se completarem 8 cms., na parte mais curta guardam-se os pontos num fio.

A outra parte faz-se do mesmo modo, mas sem acrescentar os 6 p. e fazem-se 3 casas.

COSTAS — Começa-se com 126 p. com as agulhas n.º 2, fazem-se 30 carreiras em ponto sanfona.

Continua-se em ponto de meia e fazem-se 23 cms. aumentando-se 5 p. de cada lado ficando 136 p. Fazem-se as cavas, arrematando-se 14 p. ao todo, nos começos de carreira arrematam-se 6 p., 2 p., 1 p., 1 p. e no fim de carreira 2 p. j., ficando 108 p.

Na altura dos ombros arrematam-se 36 p. cada, em 6 vezes. Para arrematar o decote no 3.º arremate dos ombros dividem-se os pontos em duas partes iguais e com uma arremata-se a metade do decote em 3 vezes, juntamente com os 3 arremates restantes do ombro.

A outra parte faz-se do mesmo modo.

MANGA — Começa-se com 80 p. e agulhas n.º 2. Fazem-se 15 carreiras de ponto sanfona.

Continua-se com as agulhas n.º 2½ e o ponto de meia, aumentando-se 1 p. no fim de carreira até ficarem 126 p.

Arrematam-se 6 p. de cada lado, depois pegam-se 2 p. j. no fim de carreira, até ficarem 80 p. Fazem-se 25 carreiras sem alteração.

Com os 80 p. reduzem-se a 40 p. numa só carreira pegando-se sempre 2 p. j.

Fazem-se 6 carreiras sem alteração, depois os 40 p. reduzem-se a 20 p. pegando-se sempre 2 p. j.

Fazem-se 6 carreiras sem alteração, depois arrematam-se 3 p. de cada lado e os restantes de uma só vez.

ACABAMENTO DA BLUSA — Bordam-se as rosinhas como mostra a fotografia, o centro com a lâ fresse, rodeando-se com a lâ azul, por fim as 3 folhas.

Costuram-se os ombros, e as duas partes da gola pregam-se com pequenos pontos. Os pontos guardados num fio arrematam-se intercalando-se uns aos outros.



ULTIMAS PALAVRAS DE MULHERES CÉLEBRES

Não! Não serei levada em triunfo. — Cleópatra, rainha do Egito, envenenando-se (28).

Ora, a vida! Não me falem mais dela! — Margarida da Escócia, mulher de Luís XI (1425-1445).

Ó liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome! — Madame Roland, no cadafalso (1793).



FORNO & FOGÃO

PEIXE COM MOLHO DE TOMATES — Um quilo de tomates, manteiga, sal, cebolas. Para esta receita pode-se empregar pescada, bacalhau ou cavala. Forra-se o fundo de uma çarola com uma camada grossa de rodela de tomates e cebolas. Corta-se o peixe limpo e temperado 1 hora antes, com sal e pimenta, em pedaços que se arrumam sobre a camada de tomates. Juntam-se 2 ou 3 colheres de manteiga, tampa-se a çarola e deixa-se cozinhar lentamente durante 15 a 20 minutos. Antes de servir passa-se o molho que se vai formando por uma peneira fina.

FRANGO À MILANESA — Um ou dois frangos novos, sal, farinha, ovo, farinha de rosca, rodela de limão, salsa crêspa. Depois de limpos cortam-se os frangos em pedaços não muito grandes, tempera-se com sal, pimenta e farinha de rosca e deixam-se frigar em gordura quente até tomarem uma cor dourada. Em seguida põe-se a frigideira de lado e deixam-se frigar em fogo lento por mais uns 10 minutos. Arruma-se em um prato, guarnece-se com salsa crêspa e rodela de limão. Serve-se com molho "Remoulade" ou tomates recheados e arroz de forno.

FRANGOS ASSADOS NA GRELHA — Dois frangos novos, manteiga, farinha de rosca, rodela de limão. Cortam-se os frangos pelo meio em sentido do comprimento, batem-se um pouco com batedor de carne e temperam-se com sal, prendem-se as asas com um fio de linha, colocam-se os frangos em uma assadeira, regam-se com manteiga e assam-se durante 15 minutos. Em seguida, refogam-se novamente com manteiga e acabam-se de assá-los na grelha. Ao servir guarnece-se o prato com rodela de limão. Serve-se com batatas fritas e salada de alface com cebolas.

RECHEIO PARA AVES — Dois pãesinhos, 3 a 4 colheres de presunto, fígado e coração da ave, 1 gema, cebola picada, salsa, sal, pi-

menta, manteiga. Picam-se bem fininho o fígado, coração e presunto e refogam-se com a cebola picada e salsa na manteiga. Depois de refogado juntam-se os pãesinhos embebidos em leite e espremidos, sal, pimenta e a gema e mistura-se tudo muito bem.

FATIAS DE PÃO À MILANESA — Embebe-se no leite 6 ou mais fatias de pão da espessura de um dedo. Leva-se ao fogo uma frigideira contendo azeite, cebolas, tomates em rodela e uma colher de manteiga. Depois de refogados estes elementos, juntam-se as fatias de pão, tendo-se o cuidado de virá-las. Depois de prontas as milanesas são arrumadas em um prato e cobertas com queijo parmezão ralado.

VAGENS COM SARDINHAS — Cozinha-se em água e sal um quilo de vagens bem tenras, escorrendo-as depois em uma peneira. Prepara-se, à parte, um refogado com azeite doce, cebolinhas picadas e alho. Juntam-se as vagens ao refogado e deixa-se ferver. Depois de preparadas são as vagens arrumadas em um prato e cobertas com sardinhas em conserva, "petitpols", ovos cozidos e azeltonas.

DOCE DE LEITE CONDENSADO — Deixa-se ferver, por espaço de hora e meia, numa panela d'água uma lata de leite condensado. A água deve cobrir a lata. Depois de esfriar pode ser servido o doce, de sabor agradável e convidativo. É uma sobremesa excelente.

CONSELHOS DE BELEZA

O pescoço não dispensa cuidados especiais. Vejamos como se deve aplicar massagens apropriadas a essa parte do corpo. Com a mão direita estendida sob o queixo, polegar tocando a base da orelha, faz-se um movimento de cima para baixo, na direção da clavícula, subindo, em sentido contrário, à posição inicial. Depois, com a outra mão, faz-se idêntico exercício, do lado esquerdo. Para a massagem do pescoço é aconselhável um creme de limpeza, usando-se à noite, para dormir, um tônico vitamínico.

Para as rugas concentradas em torno dos olhos a massagem indicada é a seguinte: colocando-se os dedos médios de cada mão na parte superior do nariz, de um lado e do outro. Com um bom creme nutritivo faz-se, diariamente, de manhã e à noite, uma aplicação suave, com movimentos rítmicos e giratórios em volta dos olhos. As rugas desaparecerão como por encanto.

Um processo muito útil ao combate das linhas que ligam o nariz à boca é o de massagens circula-

res, tomando-se por diâmetro a referida linha. Deve-se usar, na operação, uma loção tônica e um creme vitamínico. As rugas lineares vão, aos poucos, desaparecendo.

O queixo exige cuidados especiais. Todos os dias é aconselhável a aplicação de massagens, da base até a extremidade inferior da orelha, com o auxílio de um creme de limpeza. Os movimentos devem ser graduados progressivamente. Esta massagem é indicada especialmente como meio de evitar-se o queixo duplo, um dos males que mais afeiam a fisionomia da mulher.

A água morna é mais indicada para a lavagem dos cabelos. Remove o óleo e torna-os macios e finos. Se fôrem negros ou castanhos-escuros convém usar "saphoom" com bastante água; se fôrem claros, louros ou ruivos pode-se adicionar à água um chá forte de camomila. Isto dará aos cabelos uma cor bonita e persistente e evita as queimaduras do sol que tanto afeiam as cabeleiras femininas.

E' CONVENIENTE SABER

LIMPEZA DAS LUVAS
As luvas, qualquer que seja a sua cor ou o seu tecido, enxovalham-se muito rapidamente, e nem sempre ficam apresentáveis depois de sofrerem uma lavagem. As duas receitas que se seguem, resolvem melhor o problema:
Água de Javal (solução de hipoclorito de potassa) 164 gramas
Sabão em pó 250 "
Água 150 "
Amoníaco líquido 10 "
Impregnem-se bocados de flanela na pasta formada pelos elementos que entram nesta receita e esfreguem a luva até a sua completa limpeza.

Outra receita:
Leite 1.000 gramas
Carbonato de soda .. 5 "
Emprega-se o mesmo processo descrito na primeira fórmula, isto é, esfregar a flanela embebida nesta solução, até que se opere a completa limpeza da luva.

PARA LIMPAR ENFEITES
Os enfeites dourados das molduras de quadros e espelhos, sujos pelas moscas e opacos pelo tempo, são facilmente limpos se esfregar-

mos sobre eles um pedaço de cebola. Não só conseguiremos tirar a sujidade, como devolver-lhes-emos o brilho e beleza primitivos.

COMO CONSERVAR AS FLORES FRESCAS

É possível fazer com que as flores quase murchas, pelo efeito do calor ou dos abalos de uma viagem, recuperem a frescura, se as submergirmos em água quente e ali as deixarmos até que esfriem. Cortam-se-lhes, então, as pontas dos talos e podem ser colocadas nos vasos ou floreiros em água fria; melhor será se nessa água tivermos dissolvido meia pastilha de aspirina.

RECEITA PARA MATAR BARATAS

Para matar baratas, a fórmula exposta é a que melhor resultado dá, por ser muito simples e oferecer a vantagem de não ser perigosa às crianças e aos animais domésticos:

Mistura-se bem, em partes iguais, bórax em pó e açúcar, colocando-se nos lugares frequentados pelas baratas.

O RISO PURIFICA O SANGUE

"Se o Padre Eterno não aprovasse o bom humor preferiria não entrar no céu". São palavras proferidas por Lutero. O riso é dom divino, concedido apenas ao homem; dom concedido — ao que diz uma lenda chinesa — pelo céu a um sábio que, sentado junto a uma cascata, elaborava pensamentos profundíssimos.

Será possível imaginar a vida sem o riso? Sem dúvida. O processo natural nas nossas funções orgânicas não se perturbaria. O homem poderia comer, trabalhar e reproduzir-se, também sem o riso. Poderia, até, sentir a alegria e a felicidade, sem rir. Com efeito, o riso é relativamente recente, na história da humanidade. O homem primitivo caminhava erecto, sabia chorar, sabia exprimir seus sentimentos, mas ainda não ria. Não tinha nascido, ainda, aquilo que os malaios denominam "a árvore da alegria".

Os malaios acreditam que este pequeno arbusto nasce no interior do corpo. Suas raízes encontram-se no ventre; sua fronde, na cabeça. A medicina hodierna deve dar razão aos malaios. A árvore de que a alma deriva, de que é tecida, por assim dizer, a nossa substância espiritual está presente, também, de maneira física, e é visível: é uma parte do sistema nervoso simpático. O sistema, que nada tem que ver com os nervos que se emaranham no cérebro, regula a nossa vida sub-consciente, isto é, vegetativa. É ele que, além do mais, capta as impressões espirituais e as guia na direção de sua expressão física.

Tanto o riso, como o pranto nos provam como é íntima a conexão entre o corpo e a alma. Vendo algo de cômico, "estouramos" numa risada: é uma impressão psíquica traduz-se fisicamente, com absoluta prontidão. Não podemos deixar de rir. O impulso é mais forte do que a nossa vontade; isso não depende do "comando" do cérebro, e sim das correntes sub-conscientes do simpático, do florescer natural da árvore do riso. Como se produz o riso? Quando a "árvore" entra em ação, a respiração normal é impedida; a laringe começa a vibrar; as cordas vocais deslocam-se, de maneira a produzirem um som inarticulado; a parte mole da abóbada palatina move-se para baixo e para cima; nas profundidades, a seguir, o diafragma começa a tremer, e, quando o riso se prolonga, os olhos enchem-se de lágrimas.

Os animais não riem — nem podem rir; e isto também por motivos físicos. Eis a demonstração. Não se pode rir "para baixo", no sentido do chão. Quem quiser, experimente colocar-se em posição... canina, e procure rir com a cabeça baixa. Contra-prova: quando, sentados numa poltrona, rimos com verdadeiro goêto, somos levados, espontaneamente, a ficar de pé, ou a reclinar a cabeça para trás, e até a inclinar a poltrona, ou cadeira, no mesmo sentido. O riso não toma a direção do chão; vai para o céu. Por isso, está reservado ao homem. Os fisiólogos podem imaginar que, depois da aquisição da posição "erecta", pelo homem, a pressão do ar, no organismo, se haja modificado, um diafragma, estendido em posição horizontal, é infinitamente mais vibrátil, e, portanto, mais excitável, do que outro estendido perpendicularmente. Talvez seja ainda mais importante a explicação espiritual. O homem ri "diretamente para cima", isto é, francamente. Teve de conquistar a liberdade, em relação ao nível do solo (que é o que o distingue dos outros animais) antes de conseguir rir.

Na verdade, como é que rimos? Rimos quando uma coisa, observada, se nos mostra em contraste cômico com a idéia que geralmente formamos dessa mesma coisa. É essencial, portanto — e isto foi revelado por Schopenhauer — que o riso pressuponha sempre, a idéia de uma idéia nossa, diferente. Na

DR. RODOLPH REISSMANN



mais remota pre-história, o homem terá encontrado uma raiz curiosa, ou outra coisa, de forma quase humana. O macaco não conseguiria nunca estabelecer o confronto entre a forma da raiz e a sua própria forma. O homem, sim. A consequência terá sido uma emoção violenta, um temor pânico: a ameaça de que um sêr tão disforme pudesse, realmente, existir ou nascer. Chegou, depois, o dia em que o homem pre-histórico, ao encontrar uma raiz de forma humana, descobriu ser ela, raiz, simplesmente cômica. E riu. Foi justamente com a risada que ele se libertou do medo que, antes, sem dúvida, deverá ter sentido. Despreendeu-se do medo supersticioso das forças infaustas, que supunha ocultas naquela raiz. Não se sentiu mais levado a escondê-la por baixo da terra. Estava livre de todo receio; ousou erguer a cabeça para o céu — e riu. A forma, que, antes, lhe enchia a alma de fantasmas, agora se lhe apresentava como simples caricatura.

O riso, pois, não surgiu da alegria de viver, no momento em que um homem, num belo dia de verão, atravessava um prado, gozando a beleza do universo. O homem que passeia e que se abstrai, contente, na contemplação da natureza, não ri; canta. Também o canto é trabalho dos pulmões, da laringe e das cordas vocais, como o riso. Mas o canto é produzido por um sentimento de satisfação e de serenidade. Não é preciso pensar em coisa alguma, quando se canta; em verdade, frequentemente, canta-se "como vem"... O riso, ao contrário, é precedido pelo juízo: é preciso que o homem ache ridícula alguma coisa. O riso é impôsto de fora para dentro; o canto, de dentro para fora. Pode-se, em casos extremos, "morrer de rir"; não se morre por excesso de canto.

O riso faz massagens sobre os órgãos do tórax. Os pulmões, a laringe e os órgãos contíguos enchem-se de uma quantidade maior de sangue, e o coração pulsa com mais vigor. Observa-se o mesmo fenômeno quando se canta. No riso, porém, entra, a mais, um elemento novo: o "estouro" imprevisto da hilaridade. A massagem dos órgãos tem um começo violento e vigoroso. Contam-se, com goêto, dez pilhérias, uma depois de outra, só pelo prazer de

renovar, dez vêzes, o mesmo estouro irreprimível de hilaridade. Uma hora alegre passada em boa companhia, pode substituir uma cura de sanatório. E isto não se dá apenas por motivos fisiológicos, aos quais fizemos referência.

Três fatores contribuem para a higiene da alma: o estímulo, a distração e a distensão. Uma boa anedota corresponde a estas três exigências espirituais. A piada, com efeito, faz-nos esquecer o nosso mundo; vem de um mundo diferente. Distrai-nos, isto é, tira-nos das nossas preocupações costumeiras. É-se, por assim dizer, levado pela anedota; e, enquanto perdura o seu efeito, esquecemos todos os deveres e tôdas as responsabilidades. Chega-se, assim, à finalidade da anedota, à distensão. Homero fala de povos "que não riem e não têm sonhos". Esta conexão enche de alegria o psicólogo moderno. É, na verdade, a fantasia que inventa as anedotas, como é a fantasia que cria os sonhos.

O riso tem uma função social importantíssima: é coisa que "pega", é coisa contagiosa. O bocêjo é mais contagioso ainda, mas a sua função é meramente corporal. O contágio do riso, ao contrário, é espiritual: une os homens, nivela-os, porque, no momento culminante da anedota, todos os ouvintes são dominados pela mesma impressão: ninguém pode subtrair-se ao riso. Nada é mais deprimente do que ir, em terra estrangeira, a um teatro de variedades, cujas piadas não são inteligíveis. Tem-se a impressão de estar sendo tratado injustamente, ou de se ser excluído da comunidade. Sabe-se que os maiores humoristas e os "clowns" mais notáveis foram, em sua vida privada, homens sérios, e até profundamente melancólicos. Imaginavam, ou contavam cenas cômicas, apenas para soerguer a própria alma, já perto do desespero. Refugiavam-se, assim, na mediocridade da vida de todos os outros, fundiam-se na psique coletiva. O homem de bom goêto não perturba o próximo com o humorismo, com o sarcasmo, e até com aquela espécie de comichade desesperada que se denomina "humorismo da força". Dizer que se trata, aqui, de reação psíquica, é muito pouco. A tristeza, só pode reagir quem tiver capacidade, depois, de se tornar alegre. Mas o "clown" triste não conhece, de maneira alguma, a alegria. Talvez as suas piadas obtenham êxito, precisamente por-



que ele fica fora da esfera do cômico, o que lhe permite iluminar apaixonadamente a anedota, plasmando-a como matéria estranha ao seu espírito. O misantropo salva-se quando se abandona ao sentimento da alegria coletiva; a grande dor pessoal alivia-se, quando desperta o riso alheio.

Por que é que se sente a necessidade de rir, depois de acontecimentos tristíssimos? Por que é que os tradicionais banquetes fúnebres são, com frequência, tão alegres que a igreja e o Estado durante vários séculos tiveram de recomendar um pouco de seriedade em tais ocasiões, e, às vêzes, até, impôr multas apreciáveis, a quem risse desmesuradamente depois dos funerais? Por que é que reagimos, a uma notícia tremenda, com uma risada, e por que é que a dor nos toma somente depois, lentamente? A alma humana tem sempre o desejo de equilibrar e nivelar os sentimentos. Os costumes morais dissolutos, depois das grandes guerras — a mania de dançar, depois das epidemias — são fenômenos constantes, regularmente verificáveis. A lágrima e o riso não ficam muito longe uma do outro — precisamente porque são contrários. Pode-se rir por entre lágrimas, e chorar por entre risos. E só este claro-escuro de dor e de satisfação consegue dissipar, verdadeiramente, a pena de um grande coração atormentado.

O sorriso surgiu depois do riso. O sorriso distingue o homem que observa as coisas do mundo com espírito maduro e iluminado. O sorriso não tem a função de nos libertar de um pêso, nem o de pôr em relêvo a simples alegria: conserva, na contemplação todo o encanto que, na nossa alma, produzem as infinitas relações subsistentes entre as coisas deste mundo. O selvagem não sabe sorrir: no máximo, faz uma careta, ri, ou é alegre. É-lhe negado o sorriso, porque ele se coloca em face do mundo excessivamente dominado pelas suas antipatias e simpatias; não tem "alma humilde"; não conhece a renúncia. O sorriso das "madonas" góticas é suave, porque exprime renúncia serena, êxtase, desapaixonamento. O Buda é representado a sorrir, porque ele venceu, dentro de si mesmo, o mundo, e conquistou a imperturbabilidade da alma.

Pode-se dizer, mesmo, que o sorriso encontrou a sua expressão primeira e mais pura na Ásia. Está tão fixo, no rosto asiático, que quase se transforma em máscara. O japonês, que enfrenta, sorrindo a morte está talvez, apenas calmo; mas a sua impenetrabilidade que é indivisível do seu sorriso, às vêzes, espanta o europeu. Será o indivíduo, singularmente considerado, que conquista semelhante impenetrabilidade sorridente? Ou será a impenetrabilidade uma prerrogativa de toda a raça amarela? Não o sabemos. O que há de mais íntimo e de mais delicado, na alma humana, no Oriente, transformou-se em coisa social, e mesmo política. A convivência humana fica colocada sob o signo sempre igual de um cerimonial sorridente. O riso americano, ao contrário, é desembaraçado e contagioso. Não tem a transparência íntima do sorriso asiático. Quanto mais se caminha, do Oriente para o Ocidente, mais evidente é mais nu se patenteia o riso. Uma raça que apenas acabou de conquistar o próprio continente, e que, no fundo, deve continuar a conquistá-lo por muito tempo ainda, dia a dia, tem o direito de escolher, para seu uso, a divisa "keep smiling", isto é, "sorria sempre", ou: "conserva o seu sorriso". Mas, também o rumoroso riso americano, franco e vivaz, está a transformar-se em máscara. Faz parte da educação psíquica, mas nem sempre corresponde a um estado de alma realmente sereno. Às vêzes, o riso americano, mesmo sincero, parte de fonte artificial: a vida pública e a propaganda pretendem que as personalidades mais em foco estejam sempre alegres e dispostas a rir.

CUIDADO COM OS REGIMES PARA EMAGRECER

De RUTH LITTLE



Foi o desejo de descobrir o segredo da lida que levou o doutor Alexis Carrel, há um quarto de século, a manter vivo em seu laboratório um corte de coração de frango. O fato desse pedaço de carne ter vivido durante todo esse tempo, atraiu o maior interesse e conferiu autoridade a quaisquer palavras suas a respeito da vida. O segredo do seu êxito, na conservação desse bocado de carne e o segredo da vida, diz ele, é conservar as células do corpo, inteiramente livres dos próprios resíduos, e fornecer-lhes o necessário alimento.

O coração do frango tem sido conservado num fluido equivalente ao sangue. É o sangue do corpo que banha as células e os tecidos, trocando o alimento por impurezas e resíduos. Ora, o sangue não produz alimento. Este deve ser-lhe fornecido, ou dá-se a quebra das defesas dos tecidos e do organismo inteiro. Calcula-se, por exemplo, que o corpo necessita, mais ou menos, de 15 miligramas de ferro, cada dia. Quantidade insignificante, não há dúvida, mas se não lhe fôr suprida, as células vermelhas tornar-se-ão incapazes de cumprir a sua tarefa de trans-

portar os venenos e os resíduos do sangue e o organismo todo sofrerá.

Estes fatos são infelizmente desprezados por muitos adeptos dos regimes de emagrecimento. Um regime de frutas ou suco de frutas, por exemplo, pode, às vêzes, ser benéfico, por um ou dois dias, mas tem provocado danos irreparáveis, quando mantido durante semanas ou meses. Esses regimes de capricho são deficientes, sob um aspecto ou outro. Frequentemente faltam as proteínas, as vitaminas, os minerais, etc.

Poderiam citar-se exemplos sem conta para ilustrar os danos resultantes da obediência cega a regimes para emagrecer. Às vêzes, o mal pode remedear-se, a tempo. Mais frequentemente, porém, são necessários meses e anos. Os obesos não devem, porém, perder a esperança. O emagrecimento pode efetuar-se de maneira sã e sensível.

Muitos, entretanto, de bom grado passariam algumas semanas em regime de fome se depois pudes-

sem comer um banquete! Isso é loucura e coisa perigosa. As fornhalhas do organismo exigem combustível, de maneira regular. Os elementos necessários deverão ser supridos, diariamente, para que o sangue possa irrigar as células, de maneira a manter o corpo em saúde.

Nos obesos, o corpo tem excesso de gordura. Portanto, deve excluir-se toda e qualquer gordura, do regime, assim como os doces de qualquer natureza. Um regime apropriado de emagrecimento deve proporcionar as necessárias vitaminas, proteínas e minerais, com poucos hidratos de carbono e nenhuma gordura ou doces.

Mas, o regime de emagrecimento exige sobretudo constância e força de vontade. "Só por esta vez", "apenas um bocadinho" enfraquecem o poder da vontade para a vez próxima e as seguintes, estabelecendo um círculo sem fim.

É ótimo o seguinte conselho: "Não enganar nunca o estômago, além daquilo que a saúde exige e não sobrecarregá-lo nunca com pêso insuportável. Cultivar o auto-contrôle. Refrear o apetite, fazendo-o obedecer aos ditames da razão".

Editor responsável:

SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI]
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo